



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

**INICIAÇÃO AO VIOLÃO ACOMPANHADOR POR MEIO DE CIFRAS E DIAGRAMAS  
DE ACORDES: Um relato de experiência.**

**Pedro Henrique Pereira Romano**

RIO DE JANEIRO  
2022

**INICIAÇÃO AO VIOLÃO ACOMPANHADOR POR MEIO DE CIFRAS E DIAGRAMAS  
DE ACORDES: Um relato de experiência.**

Pedro Henrique Pereira Romano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação do Professor Dr. Gabriel Muniz Improta França.

RIO DE JANEIRO  
2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

R759 Romano, Pedro Henrique Pereira  
INICIAÇÃO AO VIOLÃO ACOMPANHADOR POR MEIO DE  
CIFRAS E DIAGRAMAS DE ACORDES: Um relato de  
experiência. / Pedro Henrique Pereira Romano. --  
Rio de Janeiro, 2022.  
62

Orientador: Gabriel Muniz Improta França.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
Graduação em Música - Licenciatura, 2022.

1. Violão acompanhador. 2. Acordes básicos. I.  
França, Gabriel Muniz Improta, orient. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO**  
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL  
**Curso de Licenciatura em Música**

“INICIAÇÃO AO VIOLÃO ACOMPANHADOR POR MEIO DE CIFRAS E DIAGRAMAS DE  
ACORDES: Um relato de experiência.”

por

Pedro Henrique Pereira Romano

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Gabriel Muniz Improta França (orientador)

---

Professor Thiago Gracindo Trajano

---

Professor Clayton Daunis Vetromilla

Nota: 8,5 (oito e meio)

11 de Março de 2022

ROMANO, Pedro Henrique Pereira. **Iniciação ao violão acompanhador por meio de cifras e diagramas de acordes:** Um relato de experiência. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Centro de Letras e Artes, Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

Este trabalho pretende relatar a aplicação de uma proposta metodológica para o ensino de violão iniciante a partir da abordagem de violão acompanhador. Esta proposta tem como objetivo auxiliar professores no planejamento e realização de suas aulas, podendo servir para orientar qualquer aluno que queira iniciar os estudos neste instrumento através de acompanhamentos de canções de seu interesse, tendo como princípio uma proposta de estudo gradual, começando com acordes mais fáceis que se conectam a outros por meios fáceis de trocas como dedos em comum e movimentos próximos. Esta maneira de iniciar alunos (através de acordes básicos e acompanhamento de canções) é muito comum no mercado de aulas particulares de violão. Contudo, muitos professores não seguem uma metodologia gradual, e por não conhecerem nenhuma, seguem alguns passos que não trazem um estudo sequencial e podem gerar uma desmotivação em seus alunos. A experiência relata as oito primeiras aulas de uma aluna particular iniciante e no decorrer das aulas ela passou por experiências práticas no violão, que a tornaram capaz de tocar várias músicas até o final do relato. Ela aprendeu acordes básicos e levadas rítmicas que servem para acompanhar diversas músicas. Passou também por experiências variadas de troca de acordes e variações rítmicas que podem ocorrer nas músicas. Por fim, ela também teve uma experiência prática com o capotraste, que é uma ferramenta que pode ser utilizada pelo professor para proporcionar que o aluno consiga tocar músicas de outros tons com os acordes básicos.

Palavras chave: Violão acompanhador. Metodologia. Estudo gradual. Acordes básicos.

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
1.1 Uma proposta de ensino do violão acompanhador	7
1.2 Objetivos gerais	7
1.3 Objetivos específicos	8
1.4 Justificativa	8
1.5 Metodologia	8
1.6 Referenciais teóricos	10
<b>2 - RELATO DA EXPERIÊNCIA</b>	<b>12</b>
2.1 Introdução da experiência	12
2.2 Primeira aula	12
2.2.1 Reflexão da primeira aula	14
2.3 Segunda aula	15
2.3.1 Reflexão da segunda aula	19
2.4 Terceira aula	22
2.4.1 Reflexão da terceira aula	27
2.5 Quarta aula	29
2.5.1 Reflexão da quarta aula	36
2.6 Quinta aula	37
2.6.1 Reflexão da quinta aula	43
2.7 Sexta aula	45
2.7.1 Reflexão da sexta aula	50
2.8 Sétima aula	51
2.8.1 Reflexão da sétima aula	55
2.9 Oitava aula	56
2.9.1 Reflexão da oitava aula	59
<b>3 - CONCLUSÃO</b>	<b>60</b>
3.1 Resultados	60
3.2 Contribuições futuras	60
3.3 Conclusão da experiência	61
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Uma proposta de ensino do violão acompanhador

Neste trabalho, desejo apresentar um relato de experiência de uma metodologia que venho utilizando há pelo menos cinco anos, e que procura traçar uma rota ideal para que qualquer pessoa consiga executar e aprender os primeiros passos no estudo de violão acompanhador. Pretendo demonstrar uma possibilidade de iniciação no estudo do violão que pode facilitar o caminho para pessoas que tem dificuldades e precisam de um passo a passo bem detalhado desde a primeira aula ate a execução de várias músicas com os acordes básicos. Como professor, noto que é recorrente um desinteresse dos alunos iniciantes no estudo do violão com a partitura. É muito mais fácil encontrar alunos que querem iniciar de uma maneira descomplicada, sem a preocupação de aprender a escrita musical formal, aprendendo os acordes e "batidas" que possibilitem que eles toquem suas primeiras músicas. Muitos querem tocar algo que os empolgue e que tenha o poder de afirmar a curto prazo uma identidade de violonista, ou de alguém que sabe tocar alguma coisa no violão. Neste relato, pretendo aplicar uma metodologia gradual, para que a aluna possa executar suas primeiras músicas de uma maneira simplificada e entender que é possível tocar violão de maneira satisfatória já nas primeiras semanas de estudo, podendo se aprofundar em qualquer área deste instrumento futuramente.

### 1.2 Objetivos gerais

O principal objetivo deste trabalho é demonstrar que existe uma maneira sequencial e gradativa para a iniciação do violão utilizando apenas diagramas que representam as posições dos acordes no braço, a cifra e representações simples de levadas rítmicas, sem a utilização da partitura. No relato, os estudos serão direcionados para a abordagem de violão acompanhador, trazendo a linguagem mais comum para este tipo de estudo que é a utilização das cifras. Apesar desta forma de ensinar ser algo bastante recorrente no estudo de violão popular por aulas particulares, é possível que muitos professores não sigam uma metodologia bem definida dando a devida atenção acerca da ordem de dificuldade no aprendizado dos acordes, trocas de acordes, ritmos e etc. Pretendo demonstrar que existe uma maneira simples de aprender, assim, possibilitando que diversas pessoas possam iniciar no violão por um caminho descomplicado. Analisando os benefícios de começar os estudos através desta metodologia e propondo um estudo inicial leve, mas com uma base técnica que será importante para o desenvolvimento futuro do aluno.

### 1.3 Objetivos específicos

A participante terá como objetivos específicos: o aprendizado de 12 acordes básicos, somado as leituras das cifras respectivas a estes, que possibilitarão que ela toque diversas músicas em pelo menos quatro tons (sem o capotraste<sup>1</sup>); ter a capacidade de tocar ao menos duas levadas em compasso quaternário que ajudarão no acompanhamento harmônico das primeiras músicas; conseguir executar trocas variadas entre os acordes básicos e sincronizar estas trocas com levadas de mão direita; e tocar utilizando o capotraste, que será um objeto que poderá expandir as possibilidades de tons que ela conseguirá tocar neste início.

### 1.4 Justificativa

A principal justificativa deste relato de experiência é a de que o ensino do violão por acordes pode ser mais eficaz, se pensado de uma maneira gradual, começando com posições mais simples, que estabelecem conexões e aproveitam movimentos curtos e dedos em comum. Essas conexões que os acordes têm, podem criar uma relação entre eles que torna as trocas de acordes muito mais simples. Para a montagem dos acordes teremos o auxílio dos diagramas do braço do violão, que permitirão que a aluna consiga reconhecer o posicionamento dos dedos da mão esquerda nas cordas e casas corretas. Por fim, cada acorde será representado por uma cifra que facilitará na leitura. O que justifica a utilização destes recursos para a iniciação por acordes, é o fato de representarem as posições de uma maneira simplificada e de fácil assimilação.

Nesta metodologia, o começo tem um foco no aprendizado das posições e nas suas trocas, ou seja, é um começo não muito teórico-musical. O aluno será guiado a tocar acordes somados às levadas sem previamente passar por um estudo de leitura musical formal ou por um estudo das escalas, tríades e campo harmônico. Justamente para fazer com que o aluno se empolgue e perceba que para fazer música, não é necessário saber ler partitura ou saber toda a teoria que a explica.

### 1.5 Metodologia

Para alcançar os objetivos práticos utilizaremos as formas de escrita musical mais simples. Como o foco nestas primeiras aulas é a prática, não entraremos em questões teóricas acerca da formação dos acordes, nem em questões teóricas acerca do ritmo. Não vamos utilizar a escrita do ritmo com figuras rítmicas convencionais, no entanto, vamos usar uma forma alternativa para representar as levadas e inseri-las em um contexto de compassos. A utilização das formas de escrita musical para o ensino de um instrumento é importante, mas até que ponto a escrita é um requisito

---

<sup>1</sup> O capotraste é uma dispositivo utilizado no braço do violão para prender todas as cordas ao mesmo tempo. É usado para encurtar as cordas e assim tornar as notas mais agudas.



obrigatório nas aulas de música? Swanwick (2003) aponta que a escrita é apenas um meio para um fim. Em suas palavras ele cita: “não acho que a capacidade de ler e escrever seja o objetivo final da educação musical; é simplesmente, um meio para um fim, quando estamos trabalhando com algumas músicas”. (SWANWICK, 2003, p. 69)

Poder ter uma escrita musical que possibilita a organização e a leitura é ótimo para quem está aprendendo um instrumento. "As linguagens escritas ajudam um aluno quando é necessário estudar em casa, sem a presença do professor. O aprendiz pode conferir como é a música se por acaso esquecer dela" (TEIXEIRA, 2008, p. 22). Contudo, para um aluno iniciante pode ser necessário que haja uma adaptação ou uma simplificação desta forma escrita. Segundo Teixeira "as notações devem ser acessórios, sendo a prática musical o grande objetivo que vai permitir o entendimento e a vivência de diversos assuntos dentro da música." (2008, p21). Mais especificamente observando a escrita musical para o violão, nós temos comumente a partitura, a tablatura e a cifra. O violão é um instrumento que têm as suas particularidades quanto à técnica, mas também quanto à escrita. Até os estilos musicais trazem consigo costumes acerca da leitura. Para música clássica, encontramos muitos materiais em partituras. Já no rock, encontramos muitos materiais em tablatura. Em músicas *pop* em geral, ou no sertanejo, encontramos muitos materiais em cifras.

É comum ver um aluno iniciante de violão clássico se habituar à leitura de partitura, que é uma forma incrível de escrita, pois contém muitas informações musicais como: o ritmo com precisão, dinâmica, compasso, nuances como ligaduras, apogiaturas e etc. Entretanto, ela pode ser inapropriada para alunos que tem o propósito de iniciar os estudos no violão com a função de instrumento acompanhador, pois para tocar acordes, não é necessário aprender a ler partitura e nem tocar melodias ou tríades de três cordas. É possível encontrar métodos que iniciam os estudos com a partitura desde a primeira aula, seguindo uma didática que atrela diretamente a música à escrita, como se a música dependesse da escrita. Teixeira escreve que “Quando o centro de um estudo musical passa a ser o que está escrito, sem considerarmos o som produzido, temos um grande obstáculo para o aprendizado”. (2008, p. 22)

É possível que um professor siga por um caminho "solto" de ensinar a posição dos acordes básicos do violão (como Em, A, G, D, E, etc.) e em seguida, usar estes acordes para acompanhar algumas músicas simples que contam com dois, três ou quatro acordes. Seguir esse caminho de forma intuitiva, sem pensar em uma perspectiva gradual de ensino que facilite esse estudo inicial pode não ser a forma mais adequada para iniciar.

A cifra é importante para este tipo de aprendizado, pois ajuda a identificar os acordes e pode ser vista em diferentes abordagens como: sob o texto de uma letra de música, ou pode ser apresentada dentro de compassos extraídos do contexto da partitura.

Neste relato, utilizaremos acordes e levadas simples que serão representados dentro de compassos, através das cifras e representações de levadas com setas, para ajudar a aluna a ter uma noção concreta de qual acorde acontece em cada momento e quanto tempo cada um durará. Seguindo uma metodologia que propõe uma sequência gradual de dificuldade entre acordes, suas trocas e associação destes com levadas rítmicas, que possibilitam a execução de músicas diversas.

## 1.6 Referenciais teóricos

Ao buscar trabalhos de autores que dialogam com a minha pesquisa, encontrei algumas referências que me ajudaram a fundamentar as minhas ideias. Uma coisa que considero muito importante e que encontrei em alguns autores é sobre a motivação dos alunos através do repertório, pois isso se aplica a qualquer contexto onde uma pessoa aprende um instrumento, seja em grupo ou em aula particular. Como cita Teixeira: "A motivação dos alunos para aprender violão está diretamente ligada ao repertório a ser aprendido" (2008, p. 20). Como cita também Tourinho: "O estímulo ao repertório que o aluno aprecia e valora pode se constituir em uma poderosa arma de interesse e motivação para o aprendizado de novos conhecimentos, tornando a aula de instrumento um espaço agradável" (2002, p. 237). Ou seja, os alunos tendem a aceitar melhor os desafios e os exercícios, quando estes envolvem alguma música ou trecho musical de seu interesse.

Também concordo com a parte onde Teixeira (2008) comenta acerca da escrita musical em relação a prática quando ele escreve: "As Notações devem ser acessórios, sendo a prática musical o grande objetivo que vai permitir o entendimento e a vivência de diversos assuntos dentro da música." (TEIXEIRA, 2008, p.20). Como diz também Fernandes: "o som precede o símbolo" (1998, p.49), ou seja, mais importante que qualquer escrita ou leitura musical nesta fase inicial, está a prática, o som, a música. O autor Salles (1998) também dialoga sobre isso quando escreve que qualquer forma de notação ou tentativa de traduzir sons em escrita "não são um substituto e nem uma tradução da música e dos sons, mas uma descrição, uma versão gráfica com funções práticas". (SALLES, 1998, p.22)

Neste relato utilizaremos a cifra como a principal forma de escrita musical, associada à ideia de compasso existente na partitura. Contudo, extrairemos as barras de compasso da partitura e escreveremos as cifras "dentro" das barras de compassos. Já para o ritmo, utilizaremos setas (para cima e para baixo) com um distanciamento entre elas que remetem ao tempo de subdivisão rítmica, para que ajude, de maneira intuitiva, na compreensão do tempo da levada. O ritmo será aprendido de ouvido, mas a representação das setas associada aos áudios que utilizaremos para o treino em casa, serão de suma importância para que a aluna se lembre como tocar. Para muitos professores, esta representação com setas desassociadas à figuras rítmicas convencionais é um problema, portanto, entendo que é uma boa forma de iniciar a compreensão rítmica, tendo em vista que as

setas procuram representar “velocidades diferentes” a partir do espaçamento entre elas. Acredito que uma representação simplificada e intuitiva pode facilitar o processo educacional. Como cita Fernandes: “é fundamental, portanto, que a educação musical parta de representações diversas antes de iniciar o uso da notação convencional”.(1998, p.51)

Outra característica comum com a minha proposta encontrei no autor Swanwick (1994) quando ele defende o fato de que a música precisa acontecer durante qualquer aula. Segundo ele:

A aula não terá sentido se nela não houver música, e música significa satisfação e controle da matéria, consciência de expressão, e quando possível, o prazer estético da boa forma. Uma aula sem música é desperdício de tempo e a comunicação de uma mensagem errada: as vezes é válido tocar sem preocupações musicais; isso nunca está correto. (SWANWICK, 1994)

Ele também destaca em outro trabalho que “Quando a música soa, seja lá quem faça e quão simples ou complexos os recursos e as técnicas sejam, o professor musical está receptivo e alerta, está realmente ouvindo e espera que seus alunos façam o mesmo” (SWANWICK, 2003, p. 57)

Também encontrei em um trabalho do autor Brazil (2013) uma concordância acerca da minha proposta em guiar as trocas de acordes, percebendo que o uso de um ou mais dedos em comum entre eles e as movimentações aproximadas melhoram a assimilação do aluno. Logo na primeira aula ensino acordes que se posicionam na mesma casa e na segunda aula proponho uma troca entre eles, em conformidade com o que o autor cita:

O fato de serem acordes posicionados em uma mesma casa do instrumento e de seguirem um movimento lógico, acaba favorecendo a rápida passagem do nível físico (postura) para o nível musical, ou seja, os alunos assimilam o movimento dos dedos rapidamente e passam a ouvir o que acontece ao seu redor, participam da música. (BRAZIL, 2013, p.167)

Por último, observo também que este mesmo autor dialoga acerca da utilização de acordes alternativos quando há a necessidade (Brazil, 2013), o que proponho também no meu trabalho, e que essa utilização faz com que um acorde que anteriormente soaria como tríade passa a soar como um acorde com nona, ou sexta, ou sétima por exemplo; pois muitas vezes as formas naturais das tríades podem ser mais difíceis de executar do que estas que possuem notas adicionadas ou modificadas. Cabe ao professor analisar e escolher formas que são "aceitáveis" e que possam substituir as tríades de forma a respeitar a tonalidade. E o fato destas formas criarem certas dissonâncias não trazem um problema para o aprendizado, como cita o autor:

A sonoridade das dissonâncias que aparecem não incomoda os alunos pois faz parte do universo musical com o qual estão habituados, são muito comuns em músicas populares, e a facilidade de execução acaba criando um envolvimento com o resultado musical, a vivência de uma experiência musical mais próxima daquela que nos propõe os educadores atuais. (BRAZIL, 2013, p.167)

## 2. RELATO DA EXPERIÊNCIA

### 2.1 Introdução da Experiência

O relato contará a experiência da aluna Paula<sup>2</sup>, de 22 anos, residente em Carangola, Minas Gerais, que iniciou os estudos de Violão com o autor deste relato, professor Pedro Henrique Pereira Romano. A aluna não havia tido contato algum com o violão antes da experiência e iniciou as aulas particulares em setembro de 2021 na cidade de Carangola, MG. As aulas foram semanais (toda segunda feira às 19h) com duração de uma hora por aula e começaram exatamente no dia seis de setembro. A experiência teve fim no dia 25 de outubro de 2021, contabilizando um total de oito aulas, tempo que para ela foi suficiente para aprender todo o conteúdo proposto para esta iniciação ao violão acompanhado.

Antes de começar as aulas de violão, conversei com a aluna Paula acerca de seus objetivos no violão e a convidei para participar da experiência, explicando toda proposta metodológica. Quando perguntei sobre os estilos musicais que ela mais se interessava, a aluna relatou que se interessava por músicas no estilo rock e *pop*. Com isto, pude fazer uma busca por repertórios que se aproximassem ao gosto dela. Pois, como diz Teixeira "a motivação dos alunos para aprender violão está diretamente ligada ao repertório a ser aprendido." (2008, p.20)

Também perguntei sobre o seu contato com a música na vida. Ela disse que nunca tinha tocado nenhum instrumento, mas que adorava escutar música nos seus afazeres. Expliquei também que a experiência seria apenas nas oito primeiras aulas, que dizem respeito à proposta metodológica que utilizo, que tem um foco principal no início dos estudos. O relato demonstrará uma série de técnicas e orientações que irão ajudar a Paula a tocar suas primeiras músicas no violão, e com apenas dois meses de aula, ela será capaz de tocar várias músicas com tons diferentes, acordes e ritmos variados. Ela aprenderá 12 acordes básicos que possibilitarão que ela toque diversas músicas em pelo menos quatro tons, aprenderá pelo menos duas levadas em compasso quaternário que ajudarão no acompanhamento harmônico das primeiras músicas e terá a possibilidade de utilizar o capotraste para acessar outros tons.

Durante o relato fiz comentários que são apenas opiniões minhas e que podem de alguma forma complementar o entendimento, assim também, auxiliar professores que quiserem aplicar a minha metodologia. Por este motivo eles estão destacados em itálico e com aspas.

### 2.2 Primeira aula

No dia seis de setembro, segunda feira, às 19h, iniciamos a primeira aula da Paula. Para começar, falei sobre o violão de modo geral (sua história, modelos de violão variados, as partes do

---

<sup>2</sup> Nome fictício utilizado para proteger a identidade da estudante.

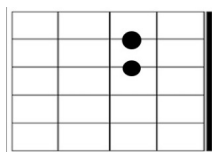
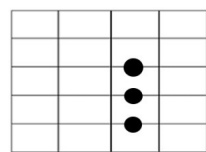
violão, o mecanismo sonoro do violão a partir do apoio das cordas nos trastes, rastilho e pestana), falei brevemente sobre as 12 notas musicais (considerando a diferença da música ocidental para a música oriental), também sobre a nomenclatura, função e a utilização básica das mãos esquerda e direita (posicionamentos básicos como: a utilização das pontas dos dedos da mão esquerda para pressionar as cordas na escala; o posicionamento dos dedos da mão esquerda dentro da casa buscando ficar o mais próximo possível do próximo traste; a importância da curvatura dos dedos da mão esquerda para a limpeza do som; a posição do polegar da mão esquerda, dando apoio e auxiliando na força aplicada em formato de pinça com os outros dedos; a maneira como podemos realizar o *strumming*<sup>3</sup> básico com a mão direita utilizando o dedo indicador para subir e descer passando por todas as cordas), expliquei o diagrama do braço do violão (na visão de terceira pessoa), expliquei a representação das batidas básicas (através de setas para cima e para baixo) e as cifras (básicas como os acordes maiores e menores) que iríamos utilizar nas aulas, que dariam apoio e a ajudariam nos estudos em casa. Todos esses assuntos tomaram 50 minutos do nosso tempo. Dentro desses momentos a aluna teve dúvidas em algumas questões como as cifras, que as letras A, B, C, D, E, F, G começam pela nota lá e não por dó, como ela imaginava, mas, expliquei a importância da nota lá (440hz) na música e sua utilização para a afinação apurada, dando como exemplo a referência do diapasão. Outras dúvidas foram acerca das notas musicais, que até então ela teria o conhecimento da existência de apenas sete (dó, ré, mi, fá, sol, lá e si). Portanto, tentei explicar a existência das outras cinco notas e utilizei o teclado para explicar melhor; no final ela conseguiu entender.

*“Como professor, procuro esclarecer (dentro do possível) determinadas coisas que para mim, no meu início, eram obscuras ou sem respostas. Algumas coisas não faziam sentido ou me deixavam intrigado. Muitas informações eu busquei pesquisando sozinho, por ser curioso, e já percebi em alguns professores a falta de importância em esclarecer coisas básicas para os alunos, que em muitos casos não são óbvias.”*

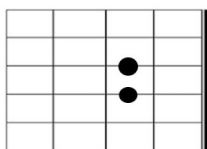
Por fim, nos últimos dez minutos de aula eu expliquei sobre a diferença entre uma nota (apenas um som, como o som de uma corda solta no violão), um intervalo (dois sons, sendo tocados juntos, a princípio) e um acorde (três ou mais sons de nomes diferentes, sendo tocados ao mesmo tempo) e ela entendeu. E propus que ela tocasse seus dois primeiros acordes (um de cada vez) nesse final de aula, que seriam os acordes Em (figura 1) e A (figura 2).

---

<sup>3</sup> *strumming* é uma técnica que consiste em um gesto de varredura das cordas onde uma unha ou palheta passa pelas cordas consecutivamente em movimentos verticais.

**Figura 1** - Diagrama do acorde Em:**Figura 2** - Diagrama do acorde A:

A princípio, deixei guardada uma possibilidade mais simples para o lá maior que seria o lá com nona Asus2 (figura 3) utilizado no lugar de lá maior, porém, ainda assim sendo chamado de lá maior (por enquanto); caso a aluna tivesse dificuldades em executar o A na posição natural. Contudo, ela conseguiu montar o A que utiliza os três primeiros dedos da mão esquerda.

**Figura 3** - Diagrama do acorde Asus2:

Concluindo, até o final da primeira aula ela conseguiu executar os dois acordes separadamente e eu disse a ela que com apenas estes ela poderia acompanhar uma música chamada “*A Horse with no name*” da banda *América* e o início da música “*Breath*” da banda *Pink Floyd* e que aos poucos, aprendendo novos acordes, poderíamos aprender mais músicas.

### 2.2.1 Reflexão sobre a experiência da primeira aula:

Na primeira aula de violão, considero importante mostrar para o aluno que existem vários modelos de violão e que isto pode influenciar nos seus estudos. O aluno pode achar o som de um violão com cordas de aço mais bonito, contudo, terá que se adaptar às cordas de aço, que causam um maior incômodo do que as cordas de nylon. Mas nada impede que ele opte por um ou outro, tendo em vista que as notas e acordes são os mesmos. A Paula optou por seguir com o seu violão com cordas de nylon. É importante que a aluna conheça as partes do violão e o seu mecanismo básico de apoio das cordas sobre os trastes, pois assim ela terá uma noção melhor de como produzir o som e corrigir possíveis erros de posição. O conhecimento das partes do violão também nos mostra onde afinar o instrumento, a divisão das casas e também que a boca do violão é principalmente por onde o som “sai”. Percebi que essas informações a deixou interessada e sem muitas dúvidas acerca disso.

Sobre as 12 notas musicais, percebi que isso trouxe a ela uma novidade (por haver mais do que ela conhecia), porém, também, um pouco de confusão acerca dos bemóis e sustenidos. Eu procurei explicar de uma forma como se as notas formassem uma escada e que se fizessemos apenas

do, re, mi, fa, sol, la, e si, nós estaríamos “pulando alguns degraus” desta escada, que é mais completa do que ela imaginava.

Outra parte mais técnica da aula, foi sobre as mãos esquerda e direita, e ela compreendeu facilmente como cada uma funcionava e suas nomenclaturas. Contudo, o que ela teve um pouco de dificuldade foi no posicionamento dos dedos da mão esquerda, que ela demonstrou ter entendido como funcionava, porém, na hora de executar, viu que era um gesto incomum para ela. Mas, com algumas tentativas e orientações ela conseguiu executar o Em e em seguida o A (com um pouco mais de dificuldade). Já com a mão direita, a aluna não teve dificuldade em tocar todas as cordas, tanto no sentido de cima para baixo, quanto no sentido de baixo para cima, sendo que neste último, eu disse que ela poderia tocar de uma forma mais "despretensiosa" pegando mais as três primeiras cordas (de baixo para cima) sem se preocupar tanto se estava tocando duas, três ou mais cordas.

As cifras e os diagramas que representam o braço do violão e os sentidos das levadas foram de fácil compreensão para ela e ela demonstrou ter entendido o fato do diagrama do braço ter uma visão de terceira pessoa.

Na primeira aula, costumo tratar de muitos assuntos que procuro deixar somente na primeira aula, pois trás uma noção geral e deixa claro para o aluno se ele pretende continuar daquele ponto inicial, onde ele sabe (basicamente) como as coisas são organizadas e funcionarão em diante. Entendo que é uma aula "pesada" e cheia de informações, mas que acredito serem necessárias e que geralmente despertam um certo ânimo em querer saber como será a próxima aula. Principalmente por finalizar daquela forma, onde nos últimos minutos temos uma parte prática, que considero essencial em toda atividade musical. Foi o momento que ela fez um som, o primeiro som dela no violão. Que também será o que ela irá praticar durante aquela semana. O fato de ela ter feito seus dois primeiros acordes, mostrou que há possibilidade de continuar, ou seja, por ser mais fácil, ela executou. Então, nesta metodologia eu considero criar um caminho onde o aluno atingirá a sua meta com facilidade e terá sua motivação mantida, o que é crucial neste início. Por fim, além de tudo, ela percebeu que ela está a poucos passos de tocar a sua primeira música.

### **2.3 Segunda aula**

Na próxima semana, dia 13 de setembro, segunda feira, às 19h, iniciamos nossa segunda aula, que começou com uma breve conversa sobre o que a aluna Paula achou da primeira aula e também perguntei se ela estava animada a continuar. Ela respondeu que sim e quando perguntei sobre o tempo com o violão em casa durante a semana, ela disse que treinou as posições dos acordes Em e A.

Antes de tocarmos, propus a aluna que afinássemos nossos instrumentos. Por ela ainda não saber como afinar, eu utilizei o aplicativo *Guitar Tuna*, que é gratuito e é o aplicativo de afinador

mais didático que conheço. Ela percebeu que cada corda no aplicativo é representada por uma cifra que indica a nota daquela corda solta. Preferi explicar logo que em algumas situações as notas podem ser representadas por cifras (porque no inglês as notas são chamadas pelos nomes das letras), apesar que as cifras geralmente são utilizadas para representar os acordes. Aproveitei para reforçar que as cifras maiores como o C (dó maior) ou B (si maior) por exemplo, representam os acordes maiores por si só, ou seja, a cifra sozinha é subentendida como um acorde maior. Já os acordes menores tem uma indicação com a letra “m” minúscula logo depois da cifra, como por exemplo o Am (lá menor), que sinaliza que aquele acorde é menor. Portanto, a aluna entendeu a diferença entre a representação da cifra para acorde e para nota, pois sempre que for nota, não dirá a respeito de ser maior ou menor, por não se tratar de um acorde. Continuando com a afinação, ela percebeu que o aplicativo mostra através de um gráfico quando é necessário apertar ou afrouxar a tarraxa.

Por fim ela conseguiu afinar o violão e seguimos para a execução dos acordes que ela praticou. Primeiramente ela tocou o Em com um som bem limpo e logo em seguida o A, também com um som bom. Depois disso, expliquei a ela que os acordes servem como acompanhamento para a melodia das músicas, como por exemplo em uma situação onde uma cantora está cantando e um violonista está acompanhando com a “base” de acordes. Essa base é também chamada de harmonia e o que a cantora está cantando é chamado de melodia. Comentei que o violonista acompanha a cantora utilizando acordes que se trocam de acordo com a música com uma "certa ordem" rítmica, somados à levada feita com a mão direita que também são um apoio rítmico para a música.

*“Muitos professores não consideram o fato de que os alunos iniciantes podem não ter tido contato algum com a música anteriormente, sendo assim, totalmente leigos em qualquer assunto sobre música. Por isso, sempre abro espaço para tirar dúvidas e explicar algo na medida do possível.”*

Posteriormente, eu propus um exercício de troca de acorde do Em para o A, e em seguida do A para o Em. Eu fiz o exercício junto com ela para trocarmos os acordes em um andamento (60 batidas por minuto, também chamado de bpm) definido por mim. Para uma troca melhor, propus que ela encostasse os dedos 1 e 2 da mão esquerda, de modo que, quando ela fizesse o Em para o A, ela pudesse descer os dois dedos para executar o A através um único movimento (como um bloco). O A tem a necessidade de acrescentar o dedo 3 na corda Si, também na casa 2. Então, o caminho de “ida e volta” exigem concentrações diferentes por ter que controlar a entrada e a saída do dedo 3 e além disso, é necessário o movimento desse bloco (dedos 1 e 2 colados) variando entre as cordas 4 e 5 (para Em) e 3 e 4 (para A), sendo ambos os acordes montados na casa 2.

*“Alguns professores optam por ensinar o A, E e D como primeiros acordes, justamente por possibilitarem a execução de várias músicas no tom de A, pois esses três acordes, são os que*



*representam as funções principais (tônica, subdominante e dominante) do tom de lá maior. Na verdade, esta lógica poderia ser aplicada a outros tons que também tem acordes simples nestas funções de Tônica, Subdominante e Dominante, como acontece no tom de D por exemplo (D, G e A). No entanto, vejo que isso pode funcionar para alguns alunos, mas não a maioria, pois irá variar das experiências manuais e musicais de cada aluno. Pode ser que o aluno já tenha tocado outro instrumento, ou tem costume de utilizar as mãos para alguma atividade manual que exige coordenação motora ou não.”*

*“Os acordes A, E e D tem posições completamente diferentes e que não proporcionam um estudo gradual em nível de dificuldade e fortalecimento dos dedos da mão esquerda, pois ambos são acordes que utilizam três dedos em posições variadas, que não contam com nenhum dedo em comum entre esses três acordes, o que dificulta muito as trocas de acordes nos estudos iniciais.”*

A Paula conseguiu trocar os dois acordes no andamento definido (60 bpm), onde utilizamos quatro pulsos para cada troca de acorde, depois diminuimos para dois pulsos por acorde e por último, depois de ter conseguido várias vezes em um tempo longo, ela conseguiu fazer um acorde a cada 60 bpm, que equivale a um segundo. Para este treino, pedi que ela executasse o *strumming* básico com a mão direita, tocando todas as notas de cima para baixo cada vez que o acorde mudava. Ela conseguiu concluir a atividade com facilidade.

*“Sobre o fato do acorde lá maior ser tocado corretamente a partir da quinta corda, eu não coloquei em questão nesta aula, pois creio que primeiramente ela precisa saber executar as trocas no tempo e com isso ela já consegue ter um resultado sonoro satisfatório, tendo em vista que tocar o A a partir da sexta corda não é tão problemático, pelo fato da nota E (sexta corda) ser uma nota presente na tríade de A, apesar de não ser a tônica correta.”*

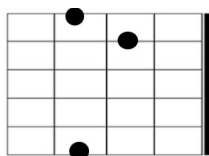
*“Para avaliar os exercícios eu costumo anotar na atividade uma nota de 0 a 100 que o aluno conseguiu obter daquele determinado exercício. Quando ocorre do aluno tirar 80 ou 90 por exemplo, eu proponho que se ele quiser, pode fazer novamente até alcançar a nota máxima. Desta forma o avalio, e ele percebe seu desempenho com base no meu feedback, o que serve também de grande motivação, principalmente para as crianças que costumam encarar o exercício como um jogo.”*

Após o exercício, eu propus que aprendêssemos um novo acorde: G (sol maior). O acorde G (figura 4) possui três dedos e tem o dedo 1 em comum com o acorde de Em, facilitando assim a sua troca (dando um apoio para a mão esquerda). Uma parte negativa do G é que temos os dedos 2 e 3 da mão esquerda em extremos, ou seja, o dedo 2 é posicionado na casa 3, corda E (grave) e o dedo 3 é posicionado também na casa 3, porém na corda E (aguda), e isso pode gerar uma dificuldade.

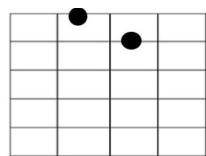
Para a situação do G eu costumo propor uma alternativa que é a de montar apenas a parte superior do acorde (apenas os dedos 1 e 2) para facilitar. Esse G sem o dedo 3 resulta em um G6 (figura 5) que tem um som satisfatório para o estudo.

Eu costumo fragmentar os acordes em pedaços quando há maiores dificuldades e executar apenas os fragmentos (mesmo quando o som não é totalmente satisfatório). Outra coisa que faço é propor um exercício de fortalecimento dos dedos da mão esquerda com posições táticas para ajudar organização desta mão.

**Figura 4** - Diagrama do acorde G:



**Figura 5** - Diagrama do acorde G6 (possível substituto):



A Paula experimentou fazer o G e ela conheceu a sua forma através do diagrama de acorde, o que prova que ela conseguiu compreender como as notas são representadas nas casas e nas cordas. Assim que ela tocou, percebi que houve uma dificuldade justamente na nota que é pressionada pelo dedo 3 (que é um dedo naturalmente mais fraco), provavelmente por estar em uma posição extrema. Logo percebi e sugeri que ela fizesse o melhor que ela pudesse apenas com os dedos 1 e 2 utilizados no G. Ela conseguiu e logo em seguida, propus que ela fizesse apenas as notas apertadas com os dedos 2 e 3, que avalei com nota 85/100. Ela ficou satisfeita e eu expliquei que se ela praticasse aquela posição durante a semana (pelo menos de quinze a vinte e cinco minutos por dia), através da repetição, da atenção aos detalhes de posicionamento e as dicas que dei, ela poderia atingir a nota 100 para aquele acorde. Em seguida, mesmo com o G não estando totalmente satisfatório eu sugeri que ela fizesse a troca de Em para G e depois de G para Em. Ao tentar (no mesmo andamento 60 bpm e com quatro pulsos para cada), percebi que na troca de Em para G ela foi melhor na troca com os dedos 1 e 2 no sol e o 3 estava se encaixando mal, já na troca de G para Em ela tinha conseguido um bom resultado. Então, pedi que ela tentasse executar a troca de Em para G por mais vezes e no mesmo andamento lento. Na quinta tentativa ela conseguiu uma troca excelente. Com isso, reforcei e expliquei que a repetição de um gesto lento, pode trazer um excelente resultado, se considerarmos todas as instruções aprendidas.

Ao perceber que ela conseguiu trocar de Em para G e vice-versa, eu disse a ela que esses acordes eram os acordes da música “*About a Girl*” da banda Nirvana. Ela ficou super satisfeita quando toquei e mostrei que estes eram os acordes de boa parte da música. Nesta música a troca dos acordes é bem rápida, então, deixei a troca de Em para G como exercício para casa. O nosso tempo de aula foi até então de 57 minutos, por fim, aproveitei os últimos minutos para perguntar se havia

alguma dúvida e a Paula disse que estava tudo certo. Ela ficou encarregada de estudar as trocas de acordes (Em-A e Em-G) para apresentá-las na próxima aula. Com isso, aproveitei para recomendar que ela baixasse o aplicativo *Metronome Beats* para que pudesse ter a marcação dos pulsos em 60 bpm e tentar trocar o Em para G com apenas um pulso para cada um.

*“Eu percebo que as primeiras aulas são muito importantes para “conquistar” o aluno, ou seja, para apresentar da melhor forma a música através daquele instrumento que está sendo usado. O aluno precisa se sentir capaz e contente com todas aquelas primeiras experiências desafiadoras.”*

### **2.3.1 Reflexão sobre a experiência da segunda aula:**

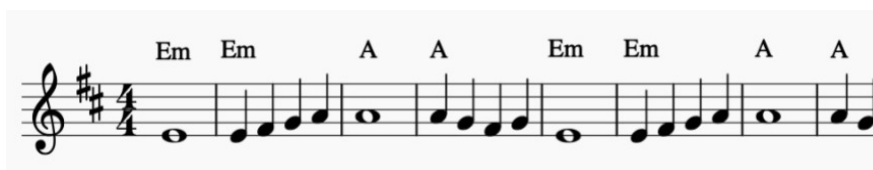
Nesta segunda aula eu achei importante começar com a afinação e poder explicar como afinar com o aplicativo, pois, apesar de não ser (ao meu ver) a coisa mais grave do mundo tocar com o instrumento não estando completamente afinado, é interessante ter a experiência de saber como se faz para afinar e caso ocorra algum imprevisto (como alguma criança mexer nas tarraxas e desafinar alguma corda de um jeito considerável) a aluna possa resolver esta situação sozinha. Outra vantagem de manter o instrumento sempre afinado é o fato de ter uma melhor percepção sobre os intervalos e acordes, e também por proporcionar um som melhor e mais bonito, que mantém o aluno motivado.

*“Um aspecto que considero muito importante acerca de iniciar os estudos no violão pela abordagem harmônica é o fato de o aluno se acostumar a ouvir os intervalos e as sonoridades geradas pela harmonia entre as notas, que neste início, por serem sempre tríades, maiores ou menores (com exceção de alguns acordes que uso como substitutos), ajudam a internalizar os sons das tríades e intervalos. Portanto, o aluno está estimulando, mesmo que de maneira inconsciente e indireta, sua percepção musical.”*

Posteriormente partimos para as trocas entre os primeiros acordes que ela aprendeu (Em-A e A-Em). Eu decido começar por estes dois acordes, pois apesar de existirem acordes de até um dedo (ou nenhum dedo, pois as próprias cordas soltas geram um tipo de Em) como o Em7, eu entendo que desde a primeira aula o aluno precisa se sentir desafiado. Existem casos e casos como citei, que alguns alunos saem da primeira aula com cinco acordes aprendidos, mas geralmente os alunos começam por dois ou três acordes. O motivo do Em ser o primeiro e o A (ou A9 para quem não conseguir) ser o segundo na ordem é que os dois são muito parecidos, utilizam a mesma casa e tem dedos muito próximos, o que ajuda na estabilidade das mãos. Sem contar a possibilidade de acompanhar algumas músicas ou trechos de músicas. Eu mesmo compus uma melodia simples

(figura 6) que pode ser acompanhada por estes dois acordes, caso não encontre nenhuma possibilidade dentro do gosto do aluno naquele momento da aula.

**Figura 6** - Melodia para acompanhar a troca dos acordes Em e A:



Na sequência, eu costumo ensinar o G, por ser um acorde que tem o dedo 1 em comum com o Em, o que facilita a troca entre eles e cria uma ponte entre os três acordes (Em, A e G), utilizando o Em indo para A, depois retornando para Em e em seguida para o G, aproveitando o dedo 1 do Em. No caso da Paula, estes três acordes lhe dariam a possibilidade de tocar a introdução da música "Wish You Were Here", do *Pink Floyd*, que ela gostaria de aprender. Caso não houvesse nenhuma música do interesse da aluna, o treino de troca poderia ser feito com outra melodia simples (figura 7) que criei para esta situação. No entanto, ela inicialmente tocou o G com certa dificuldade, mas com as instruções e tentando mais vezes ela conseguiu um bom resultado. Por fim, percebi que isso foi importante para ela entender que, geralmente, um treino com atenção e em um andamento lento pode produzir bons frutos.

**Figura 7** - Melodia para acompanhar a troca dos acordes G e Em:



*“No início dos estudos eu costumo separar os acordes básicos da seguinte forma:*

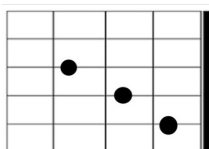
- *As tríades maiores (com exceção das tríades com acidente, pois geralmente são utilizadas com pestana) como C, D, E, F (usando F7M e chamando ainda assim de F), G, A e B (usando B7 e chamando ainda assim de B). Eu costumo utilizar a base do "CAGED"<sup>4</sup> para as primeiras formas, por serem sem pestana, mas consegui utilizar uma adaptação do F (por F7M) e B (por B7) para ampliar as possibilidades de músicas que podem ser aprendidas no início, tendo em vista que a partir do CAGED, estas duas formas são feitas com pestana. O fato de não chamar o acorde de F7M (figura 8) que está sendo usado como F pelo nome correto, é que, é interessante que o aluno não se confunda com nomenclaturas muito complicadas a princípio, pois pode gerar dúvidas acerca dos nomes diferentes que não cabem a este momento. É preferível que o aluno*

<sup>4</sup> O CAGED é um sistema de modelos baseado nos acordes C (Dó), A (Lá), G (Sol), E (Mi) e D (Ré)

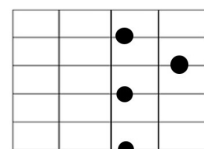
aprenda a tocar F7M o chamando de F (mesmo que possa trazer problemas em músicas no tom de Bb, por exemplo, apesar de ser um tom de música que costumo ensinar depois do estudo de pestana) do que o confundir com uma cifra cheia de informações que possam gerar dúvidas. Assim, futuramente, quando o aluno começar a estudar a pestana, ele entenderá que o F que ele fazia, era o F7M, e o F baseado no CAGED é feito com pestana. Mas a vantagem é que ele terá que lidar com apenas uma diferença de nome, mas já estará acostumado a tocar várias músicas que utilizam o F e irá perceber que este fato apenas facilitou o momento inicial dos seus estudos, ao invés de dificultar ou criar barreiras que quebrassem a sua motivação. Portanto o mesmo se aplica na utilização do nome B para o acorde B7 (figura 9);

- As tríades menores que não são tocadas com pestana como Em, Am e Dm. A princípio, para ampliar as possibilidades de acordes menores, costumo utilizar o F#m7/11 (figura 10) para substituir o F#m e o Bm7/11 (figura 11) para substituir o Bm, assim possibilitando o aprendizado de mais músicas. Outros acordes poderiam ser substituídos por formas sem pestana, mas, para este início, percebo que estes dois são suficientes para tocar várias músicas nos tons mais simples e também essas posições estão localizadas nas três primeiras casas e não está muito distante das outras posições.”

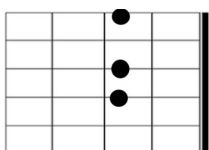
**Figura 8** - Diagrama do acorde F (F7M):



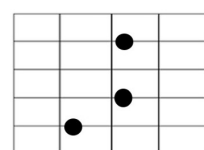
**Figura 9** - Diagrama do acorde B (B7):



**Figura 10** - Diagrama do acorde F#m (F#m7/11):



**Figura 11** - Diagrama do acorde Bm (Bm7/11):



“Os acordes básicos então ficam sendo: C, D, E, F (F7M), G, A, B (B7), Em, Am, Dm, F#m e Bm. Com o aluno iniciante, não costumo entrar em questões teóricas mais profundas como a formação das tríades e do campo harmônico. Acredito que a parte inicial deve ter sim detalhes técnicos que embasam a prática, nomenclaturas e regras, porém os treinos e atividades devam girar em torno da prática e sempre que possível em torno de músicas (ou trechos de músicas). Contudo, sabemos que para tocar uma música, precisamos, mesmo que o aluno não saiba teoricamente, utilizar os acordes de um campo harmônico.”

*“Um campo harmônico maior, por exemplo, possui três acordes maiores, três menores e um acorde diminuto, sendo que este último geralmente não é utilizado na maioria das músicas (principalmente no universo pop em geral). Tendo em vista que o acorde diminuto aparece em poucas músicas se comparado às demais, no início dos estudos de violão deixamos ele de lado. Os tons podem possuir uma certa ordem de dificuldades para um estudo gradual, levando em conta a dificuldade das posições, o uso de pestanas e a quantidade de acordes difíceis para cada tom. O ciclo das quintas nos mostra gradualmente que a cada intervalo de quinta justa temos um novo tom com um sustenido a mais. Sendo dó com nenhum sustenido, sol com um sustenido, ré com dois sustenidos, lá com três sustenidos e assim em diante. Isso nos mostra que alguns tons que envolvem mais sustenidos, são mais difíceis de aprender. No caso do ciclo das quartas encontramos o tom de F com apenas um bemol, contudo esse acidente dentro do campo harmônico de F gera acordes como Bb, Gm, que são executados com pestana, o que já torna o tom de F difícil de fazer. Se pensarmos por exemplo no tom de G que temos apenas um sustenido, veremos que em seu campo harmônico temos os acordes: G, Am, Bm (que utilizamos um substituto fácil), C, D, Em e F# diminuto (que não utilizamos no início). Este campo harmônico de G é muito mais fácil de executar do que o de F que também apresenta apenas um acidente bemol. Ou seja, precisamos analisar todas as situações que os tons geram para identificarmos sua dificuldade.”*

Podemos pensar que em muitas músicas *pop* por exemplo, conseguimos tocar com apenas o primeiro, quarto, quinto e sexto acorde de um tom. Pensando assim, se analisarmos o tom de D (que apresenta dois sustenidos) veremos que o primeiro acorde será D, o quarto G, o quinto A e o sexto Bm. Ou seja, tornando o acorde de D mais fácil que o de F, que tem como primeiro, quarto, quinto e sexto graus os acordes: F, Bb, C e Dm consecutivamente. A mesma facilidade que aconteceu com o tom D utilizando os acordes um, quatro, cinco e seis, acontecerá com o tom A, pois estes acordes serão: A, D, E, F#m.

Por fim, com estes acordes básicos podemos executar o campo harmônico de tais tons: C (C, Dm, Em, F, G, Am) e G (G, Am, Bm, C, D, Em). Contudo se o aluno quiser tirar alguma música que contempla apenas os acordes básicos como o primeiro (tônica), quarto (subdominante) e o quinto (dominante), ele poderá tocar facilmente nos tons de C (C, F e G), D (D, G e A), E (E, A e B usado como B7, que coincide com o dominante que pode ser feito com 7<sup>a</sup>), A (A, D e E) e por último G (G, C e D).

## **2.4 Terceira aula**

No dia 20 de setembro, às 19h, iniciamos nossa terceira aula, que começou com a apresentação das trocas dos acordes Em-A (ida e volta) e Em-G (ida e volta). A Paula executou bem

e por isso, propus que nós tocássemos a introdução da música “*Wish You Were Here*” da banda *Pink Floyd*. A introdução da música tem a seguinte base:

### Wish You Were Here

| **Em** | **G** | **Em** | **G** |

| **Em** | **A** | **Em** | **A** |

Para tocar o ritmo com a mão direita, sugeri que ela utilizasse dois toques de cima para baixo por acorde, obedecendo o compasso de cada um, da seguinte maneira:

| **Em** | **G** | 2x  
1 2 3 4 1 2 3 4

↓ ↓      ↓ ↓

| **Em** | **A** | 2x  
1 2 3 4 1 2 3 4

↓ ↓      ↓ ↓

Utilizando o metrônomo no bpm 65, acompanhei a Paula na execução dos acordes. Primeiramente repeti a base com ela e depois consegui utilizar um acompanhamento acrescentando alguns elementos do solo da introdução, deixando assim a música mais parecida com o original. Utilizamos cerca de dez minutos da aula praticando as trocas com este ritmo.

Em seguida, propus que tocássemos o mesmo trecho com um ritmo diferente, que tem uma batida a mais no quarto tempo. Este ritmo torna a troca dos acordes mais desafiadora, ficando da seguinte forma:

| **Em** | **G** | 2x  
1 2 3 4 1 2 3 4

↓ ↓      ↓ ↓ ↓      ↓

| **Em** | **A** | 2x  
1 2 3 4 1 2 3 4

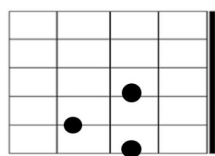
↓ ↓      ↓ ↓ ↓      ↓

A Paula aceitou o desafio e conseguiu obter a nota máxima. Para finalizar esta etapa, eu enviei um link desta música e disse que ela poderia acessar a plataforma digital *YouTube* em casa e tentar acompanhar com o violão, como forma de praticar.

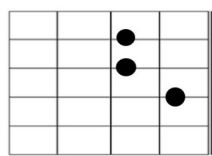
Nesta terceira aula, aproveitando o gancho da música "*Wish You Were Here*", aproveitei para falar brevemente sobre tom. Expliquei que as canções que iremos aprender no início geralmente tem um tom, ou centro tonal, que organiza as notas da música e ajuda a definir quem serão os acordes que irão acompanhar. Expliquei de uma forma bem básica e dei um exemplo no tom de dó, que pode ser bem entendido utilizando a disposição das notas de um piano. Uma música que está no tom de dó, contempla em sua estrutura as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá e sí, que equivalem as teclas brancas de um piano, ou seja, se obedecermos ao tom de dó quando tocarmos uma música, estaremos o tempo todo tocando em teclas brancas, tanto em melodias, quanto na parte harmônica. E essa delimitação de notas faz com que alguns acordes sejam diferentes como acordes maiores e menores. Expliquei que como os acordes são formados por várias notas, em alguns casos eles podem conter algum acidente. A Paula disse ter compreendido o que significa a música ter um tom, cumprindo a minha expectativa.

Dando sequência na parte mais técnica da aula, propus mais três acordes novos para a aluna, sendo eles o D (figura 12), E (figura 13) e Am (figura 14). Os acordes E e Am tem formas consideradas "gêmeas" pois tem o mesmo formato e utilizam os mesmos dedos e casas, tendo como diferença apenas o bloco de cordas que são montados. Mas primeiramente, obedecendo a ordem de dificuldade dos acordes, escrevi o acorde de D no diagrama e pedi que a aluna fizesse a montagem no violão. Percebi que de início ela teve uma certa dificuldade em compreender a montagem, pois os dedos ficam próximos, mas com certa alternância que ela não estava acostumada. Então, orientei que ela montasse primeiramente os dedos 1 e 2 do acorde de D, e depois disto, que ela encaixasse o dedo 3. Orientei também que ela deixasse o polegar da mão esquerda um pouco mais alto que o comum, a ponto de que a ponta do dedo aparecesse para fora do braço. Desta forma ela conseguiu uma boa posição e tocou o acorde corretamente.

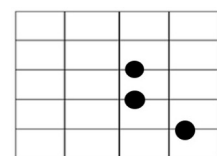
**Figura 12** - Diagrama do acorde D:



**Figura 13** - Diagrama do acorde E:



**Figura 14** - Diagrama do acorde Am:



*“Uma coisa que percebo que facilita muito a memorização e localização dos acordes é o fato de que os acordes podem ser vistos como fôrmas ou até desenhos. No caso do D, eu aprendi isso com um aluno de oito anos, que quando estava aprendendo a posição, viu o desenho no diagrama e comentou “nossa, professor! O ré parece um triângulo deitado, não é?” e eu concordei e percebi a importância em associar as formas a desenhos e também ao fato de que cada aluno tem a sua percepção no processo de aprendizado.”*



*“Eu considero essa parte de visualização geométrica muito importante pois, em algumas posições de três ou quatro dedos por exemplo, o aluno iniciante olha aquilo como muita informação (em casos de acordes onde os dedos ficam mais “embaralhados”) e com isso, costumo orientar que ele visualize pedaços dos acordes de maneiras separadas. Por exemplo o ré contém dois dedos na casa 2 e entre estes dedos há uma corda que foi pulada, ou seja, há uma memorização mais fácil ao aluno perceber que os dois primeiros dedos estão na segunda casa e que a única coisa a acrescentar é o dedo 3 na casa da frente, ocupando exatamente a corda que havia sido pulada. Outro exemplo é o E, que o aluno pode montar os dedos 2 e 3 que ocupam a casa 2 e estão em cordas consecutivas, trazendo assim uma facilidade, percebendo também que o que falta para o acorde ficar corretamente montado é o acréscimo do dedo 1 na casa atrás (casa 1) e na corda que está logo abaixo dos outros dois dedos.”*

Outro detalhe que comentei sobre o D é que se tocarmos ele com todas as cordas, ele pode gerar um som “sujo”. Aproveitei para enfatizar que cada acorde tem uma corda específica que é o ponto de partida, como por exemplo o A que deveria ser tocado a partir da quinta corda, mas também expliquei que isso não é uma preocupação inicial, porém que no caso do D especificamente, ela pudesse imaginar que ela priorizaria as três cordas de baixo, dessa forma evitando pelo menos a corda mi (sexta corda) que causa mais estranheza.

*“No início das aulas de violão, percebo que alguns alunos enfatizam muito o som das três cordas de cima ao tocar uma batida para baixo e isso pode tornar este som inicial sujo. Quando isso acontece, costumo a orientar que o aluno busque tocar mais as cordas de baixo e a valorizar também os sons agudos do violão. Assim, buscando um equilíbrio maior na força aplicada nas cordas. Se necessário, proponho alguns treinos isolados de mão direita, que não foi o caso da aluna Paula.”*

Para o acorde de D eu sugeri a troca entre A e D, que apesar de serem bem diferentes, possuem maior proximidade do que os outros acordes já aprendidos (Em e G). Expliquei para a Paula que um caminho interessante que pode ser visto na passagem de A para D é o movimento dos dedos 1 e 2 do acorde de A que ao irem para o D, descem na mesma casa, porém, com uma abertura entre eles deixando um espaço de 1 corda vaga entre eles (antes ocupavam as cordas 3 e 4 e passam a ocupar as cordas 1 e 3). Costumo falar com os alunos que é como se os dedos 1 e 2 saíssem do A e abrissem as pernas para descerem para o D. Analisando inicialmente este movimento dos dedos 1 e 2, creio que a maior parte da dificuldade em realizar a troca já foi superada, pois o dedo 3 do acorde A apenas faz um leve movimento de escorregar para a próxima casa, se mantendo na mesma corda. Ao entender isso a aluna seguiu os caminhos e de forma lenta conseguiu realizar a troca.

Expliquei que ao praticar as trocas mais complicadas ela poderia deixar a mão direita descansando e focalizar apenas no movimento da mão esquerda, movimentando de um acorde para

o outro por várias vezes, como se estivesse "ensinando o caminho" para a mão esquerda. Dessa forma, mesmo que não tenha um resultado sonoro, disse a ela que o benefício em focalizar a atenção na mão esquerda proporciona um excelente resultado na troca dos acordes. Ela fez a troca sem a mão direita por umas seis vezes e percebeu que isso ajuda muito na memorização do caminho dos dedos.

*“É importante que os movimentos sejam curtos e precisos pois isso torna a troca mais simples, do que a retirada de todos os dedos da posição para poder montar o outro acorde. Tudo que puder ser aproveitado como dedos em comum ou movimentos próximos já são capazes de facilitar e trazer resultados mais rápidos.”*

Por fim, escrevi no diagrama o acorde de E e ela conseguiu posicionar. Lembrei a ela que poderia encostar os dedos 2 e 3 para obter uma certa “firmeza” e que isso também ajuda na força aplicada nas cordas destes dedos. Sobre o dedo 1, a orientei que deixasse bem próximo do próximo traste da casa 1, pois esta casa costuma ser mais “dura de apertar”. Ao tocar, percebi que a nota sol sustenido tocada pelo dedo 1 ficou levemente abafada. Portanto, pedi que ela encravasse ou melhorasse o formato de concha da mão esquerda (aproximando um pouco a palma da mão da parte inferior do braço), pois o que estava acontecendo era que uma parte da falange do dedo 3 estava encostando na corda abaixo (que é apertada pelo dedo 1). Depois das dicas, o som do acorde E melhorou.

Em seguida, escrevi o acorde Am e ela de imediato percebeu a semelhança entre eles e ao montar, obteve um ótimo resultado, tendo em vista que todas as dicas que ela aplicou em E, ela aproveitou em Am. O acorde Am é naturalmente mais “encravado” que o E, por se localizar em cordas abaixo do E, por isso, disse a Paula que no Am, o polegar também poderia aparecer para fora do braço como ocorreu em D. Em seguida propus que ela fizesse a troca destes dois acordes. Para isso, a expliquei que neste caso, seria interessante pensar na troca como um único grande movimento, como se fosse um bloco todo se deslocando proporcionalmente uma corda abaixo de cada dedo que estava posicionado anteriormente. Este tipo de troca traria mais firmeza e estabilidade para a troca e também evitaria movimentos desnecessários. Ela conseguiu executar a troca da forma que propus e eu disse que ela poderia aplicar os mesmos conceitos de treino sem a mão direita se fosse o caso, para focalizar no movimento da mão esquerda. Eu também disse a ela que estas posições poderiam ser a base de alguma música de dois acordes, pois é uma harmonia muito comum.

Para finalizar a aula, deixei para ela como atividade da semana as trocas entre A-D (ida e volta) e E-Am (ida e volta), realizando as trocas com o metrônomo (60 bpm) e começando com quatro pulsos por acorde e aos poucos diminuindo os pulsos por acorde, até conseguir tocar um

acorde por segundo. Além disso que a aluna praticasse a introdução da música "*Wish You Were Here*", acompanhando o vídeo do *YouTube* que sugeri.

#### **2.4.1 Reflexão sobre a experiência da terceira aula:**

Na terceira aula começamos tocando as trocas de acordes que ficaram como atividade para casa e como conseguimos concluí-las dentro das metas propostas (de andamento e posicionamento dos dedos), mesmo que os acordes não estivessem soando completamente corretos, propus que nós tocássemos a música do *Pink Floyd* para proporcionar a aluna alguma atividade musical, ou seja, alguma situação real onde ela poderia vivenciar os treinos que praticou em casa. E o fato dela poder acompanhar sozinha em casa a música original através de um áudio ou vídeo no *YouTube*, proporciona uma certa motivação para que ela sinta que está tocando a música e não só executando um treino. No *Youtube* por exemplo, há a possibilidade de alterar a velocidade do áudio para "0,75x" por exemplo, e na atualização mais recente é possível personalizar a velocidade para "0,90x" por exemplo, o que traz mais conforto para acompanhar, caso o andamento da música esteja rápido demais para a aluna acompanhar.

Como na aula eu a acompanhei, não houve necessidade de nenhum áudio, porém, quando ela chegar em casa e quiser praticar a música, poderá acompanhá-la seja pelo *YouTube* ou outro meio. No caso desta música, encaminhei um link para ela, onde me certifiquei que estaria de acordo com a base que ela treinou na aula.

O ritmo que sugeri para Paula foi bastante intuitivo e nada estranho para o que ela havia experimentado até aquele momento. Não era o ritmo original da música (o que deixei claro para ela), mas era um acompanhamento simplificado que cumpriria facilmente o seu papel, principalmente quando ela conseguiu executar o ritmo de três toques para cada acorde. Este ritmo apesar de simples, trouxe para ela uma breve noção (mesmo que subconsciente) de subdivisão rítmica dentro de um compasso.

Neste caso nem chamei os toques de levada ou os classifiquei como sendo uma levada utilizável em um compasso 4/4. Simplesmente criei uma forma simplificada para que ela executasse aquele acompanhamento, pois ela iria aprender nas próximas aulas algumas levadas que são utilizáveis em vários casos de músicas com compasso 4/4.

A aluna ainda não havia recebido nenhuma explicação sobre tom e como estava iniciando na prática de algumas músicas, certamente essa dúvida iria aparecer. Por isso, decidi dar uma breve explicação, mas sem entrar em muitos detalhes de campo harmônico e formação de tríades. Procurei esclarecer de maneira simples para que ela tenha uma ideia de como os acordes podem se combinar.

Em seguida, propus que aprendêssemos mais três acordes, sendo que dois deles (Am e E) tem formas "gêmeas", o que faz com o que se a aluna aprende um, ela praticamente aprende o outro

e como o tempo da aula não poderia se estender, foi uma boa forma de aprendê-los dentro do tempo proposto. Procurei dar instruções que facilitassem a montagem dos acordes e a guiassem por um caminho com menos erros. Cada forma de acorde trás suas particularidades e instruções que não são como regras gerais. Por fim, aluna se saiu bem e não mostrou grandes dificuldades nas atividades propostas.

*“Já tive alunos que não conseguiam tocar nem uma nota sequer na primeira aula, quanto mais um acorde. Às vezes eram crianças ou até mais velhos que não tinham uma força mínima para apertar uma nota com o dedo 1 da mão esquerda (que é considerado um dedo forte). Nestes casos o trabalho era primeiramente focado em fortalecer os dedos, mesmo que fosse para apertar uma nota durante a semana e aos poucos evoluir a ponto de apertar dois dedos simultaneamente e deixar os acordes minimamente limpos. Depois disso poderia iniciar do acorde Em e dar continuidade como proponho neste relato.”*

*“O fato de dar aula há oito anos, me fez aprender muito com os alunos. A maioria das alternativas que fui desenvolvendo com os alunos, aprendi com eles mesmos, dentro da necessidade de cada um e as vezes até por sugestão própria deles. No meu início como professor de violão, costumava experimentar situações para guiar o aluno iniciante em um caminho correto e facilitado para tocar suas primeiras músicas a um curto prazo, mas só passei a ter esse ideal organizado depois de pelo menos três anos dando aula.”*

Na terceira aula, cito uma ordem de dificuldade dos acordes que estabeleci dentro da minha pesquisa, que visa organizar estrategicamente uma ordem para o aprendizado de acorde que estabeleça um aprendizado gradual. Com base em dedos em comum e movimentos curtos entre os acordes.

Segue abaixo a ordem dos acordes básicos por nível de dificuldade:

**Em - A - G - D - E - Am - C - F - Bm - F#m - Dm - B**

*“Na primeira aula, justifiquei o fato do Em ser para mim o melhor acorde para iniciar no violão acompanhador, levando em consideração toda a proposta deste relato. O fato de ter como foco inicial tocar músicas simples em tons simples, faz com que estes sejam os acordes básicos iniciais, com as suas devidas substituições.”*

*“O Em cria uma ponte para o A, pelo fato de estar na mesma casa e ter os dedos 1 e 2 muito parecidos e próximos, o Em também cria uma ponte para o G, tendo um dedo em comum. O A cria uma ponte para o D, pois, apesar de não haver dedo em comum, o movimento entre estes acordes é bem curto. O E aparece em um momento mais ideal, quando o aluno passou por pelo menos quatro experiências de trocas de acordes e é um acorde que envolve apenas duas casas. O E cria ponte para o Am por ser considerado “gêmeo”. O Am cria uma ponte para o C, pois tem dois*

*dedos em comum. O C cria uma ponte para o F, pois além de ter o dedo 1 em comum, o F tem um desenho muito parecido com o de C. Os dedos 2 e 3 de C descem proporcionalmente para gerarem o F. O acorde de A cria uma ponte para o Bm por ter um dedo em comum e por ter movimentos muito curtos. O F#m se torna fácil de fazer pois depois destas experiências de trocas, ele não apresenta nenhum movimento difícil, e está presente todo na casa 2, podendo também ser aproximado da forma do acorde de A. O Dm é um acorde que se enquadra num nível parecido com C e F, por ter três dedos separados em três casas diferentes e sua forma não é tão anatomicamente confortável quanto o F por exemplo. Mas quando o aluno chega a aprender o Dm não encontra grandes dificuldades. O Dm é um acorde que seria utilizado como segundo grau do tom de C, que seria um dos tons fáceis para este início, e este grau não se enquadra como prioridade como os graus um, quatro, cinco e seis que possibilitam a execução de várias músicas. Por último ficou o B (B7) que também é uma opção de acorde para músicas no tom de E, que a princípio seria a sua utilização, ou também utilizado como acorde de empréstimo modal em algum tom como de G (ou Em). O B ficou por último, por ser um acorde que conta com o uso de quatro dedos, que se diferencia dos demais que sempre utilizaram no máximo até três dedos.”*

No fim da terceira aula propus que a aluna praticasse as trocas dos acordes aprendidos durante a aula (D, E e Am) e a música "Wish You Were Here" com o ritmo proposto. Assim, ela terá aumentado a gama de troca de acordes e começará a poder pensar em outras músicas para aprender, além do fato de ter aprendido um ritmo que a impulsionará a aprender a sua primeira levada na próxima aula.

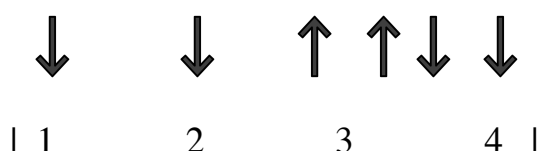
## **2.5 Quarta aula**

No dia 20 de setembro começamos a nossa quarta aula e logo de início, propus que relembrássemos os acordes que já havíamos aprendido até aquele dia, que eram os acordes: Em, A, G, D, E e Am. Portanto, disse a Paula que com estes acordes ela poderia tocar várias músicas dentro do seu gosto musical, como as músicas "Back In Black - AC/DC", "Jailhouse Rock - Elvis Presley", "Up Around The Bend - Creedence Clearwater Revival", "Dead Flowers - Rolling Stones", entre outras. O que ela terá de desafio nessas possíveis músicas são as trocas entre estes acordes, pois as trocas aproximadas nós praticamos, porém, as músicas tem trocas variadas. Então, cada música pode trazer um novo desafio e esta é uma parte interessante de “tirar” música. Outros desafios que teremos são os desafios rítmicos, pois cada música tem uma levada e um compasso.

Em seguida, propus que trabalhássemos as primeiras levadas que servem para várias músicas de compasso quaternário. Para iniciar, expliquei que um compasso é um espaço de tempo que se repete durante a música, e no caso do compasso quaternário, poderíamos pensar que dentro um compasso caberia quatro palmas. Abri o *YouTube* e dei o exemplo da música "Wish You Were

"Here", coloquei para tocar e marquei os compassos com palmas, contando um, dois, três e quatro; ela compreendeu e em seguida eu toquei a levada desta música. Contei os tempos do compasso (quaternário) ao mesmo tempo que toquei uma vez o ritmo, mostrando que uma unidade da levada preenche o espaço de um compasso, ou seja, poderíamos pensar que cada levada da "Wish You Were Here" equivale a um compasso, veja abaixo:

#### Levada base da música "Wish You Were Here"



Ao escrever esta levada, pude mostrá-la de que forma havia simplificado o ritmo da sua primeira experiência nesta música, tocando apenas os toques que coincidiram com os pulsos do compasso (um, dois e quatro). Expliquei que o compasso quaternário é como um espaço de tempo que pode ser mensurado em quatro pulsos, mas que o ritmo que preenche este espaço de tempo não precisa necessariamente ser associado a estes pulsos, ou seja, podemos fazer diversas subdivisões rítmicas variadas dentro destas quatro marcações; contudo, há alguns casos em que parte da subdivisão rítmica pode coincidir com os pulsos, como aconteceu com alguns toques da levada de "Wish You Were Here", assim também como pode haver ritmos que tem o intuito de marcar as pulsações dos compassos. Para todas as explicações, busquei tocar exemplos para que ela compreendesse e ela conseguiu entender.

Para enfatizar ainda mais o entendimento sobre compasso, dei o exemplo da música "Parabéns para você" para mostrar a característica de um compasso ternário, então, cantando e batendo as palmas juntamente com a aluna, pude mostrar que há uma sensação de compasso a cada três palmas. Por fim, para reforçar o ternário, dei também um exemplo de ritmo de valsa e a Paula compreendeu facilmente, e o mais importante, entendeu que há uma diferença entre músicas com compassos diferentes.

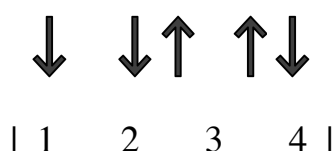
*"Eu costumo testar as possibilidades de levada com cada aluno. Não gostaria de dizer que começo tal levada com os alunos e sempre dá certo. A verdade é que cada aluno corresponde de uma forma diferente. Há alunos que conseguem executar uma levada como essa de "Wish You Were Here" com algumas tentativas durante a própria aula. Outros não conseguem executar uma levada tão complicada e por isso, sugiro uma levada mais simples (que se baseia na música "We Will Rock You - Queen": baixo, baixo, X) que envolve além do strumming básico, uma batida leve com a mão sobre as cordas, que provocam um som percussivo que auxilia na marcação de tempos fortes. A particularidade de cada aluno reflete a sua vivência musical, pois o ritmo se encontra em várias*

*situações da vida e cada contexto, cada ambiente que o aluno frequenta pode interferir. Se o aluno já cantou em coro, ou na igreja, ou se frequenta uma roda de samba, ou se tem o costume de ouvir música diariamente; ou seja, são muitas as experiências particulares que podem auxiliar no momento que o aluno necessita de alguma habilidade rítmica. Também, podemos levar em consideração a questão manual e de coordenação motora, que pode ser aproveitada de outras atividades que o aluno já tenha participado ao longo da vida.”*

Achei importante deixar claro para ela que o ritmo é algo que pode variar durante uma música, pois as músicas tem dinâmica. Pode ser que em alguma música teremos a mesma levada na música toda, mas, podemos também ter música com dois, três ou mais ritmos diferente, e disse que para início, faremos músicas que podem ser acompanhadas com apenas uma levada, mesmo que necessite de alguma adaptação.

*“Eu adapto tudo o que for possível para os alunos, eu sempre procuro alguma saída sempre que viável para fazer com que o aluno consiga tocar a música que deseja. É claro que existem casos e casos, mas o fato de adaptar ritmos, acordes, faz com que o aluno já consiga ter alguma experiência com a música que ele gosta.”*

Aproveitando o assunto, falei um pouco sobre a dinâmica na música e a sua importância para transmitir sensações. Procurei ser simples e enfatizar que a dinâmica pode ser a princípio pensada como a força e intensidade das notas. Se pensarmos em uma música calma e leve, poderíamos enfatizar esta intenção através da suavidade ao tocar. Portanto, se quisermos expressar a raiva por exemplo, poderíamos tocar com um ritmo marcado e com uma intensidade forte. Dando estes exemplos ela compreendeu, e para complementar, disse que, em uma música pode haver uma diferença de dinâmica para dar vida à música, como por exemplo de uma música que tem uma estrofe com uma dinâmica baixa e no refrão a dinâmica cresce. Dei um exemplo tocando e ela percebeu a diferença, entendendo também que a dinâmica fraca ou forte não tem um único significado, ou seja, nem sempre que a dinâmica for alta, será associada a raiva por exemplo. Em seguida, propus uma primeira levada para a Paula, que foi a seguinte:



Esta primeira levada acompanha músicas de compasso quaternário, sendo ela equivalente a um compasso 4/4 inteiro. Poderá ser utilizada em várias músicas que possuem um bpm igual a 75 ou mais (menor que isso, seria ideal outra levada, pois o ritmo seria desconfortável de tocar). Primeiramente toquei a levada e cantei juntamente com o ritmo, utilizando as sílabas “Ta” e “Ti” da seguinte forma:

TA TA TI TI TA



| 1 2 3 4 |

Em seguida, pedi que ela batesse palmas neste ritmo junto comigo e ela achou fácil. Pedi que fizéssemos isso por cinco vezes, para que o ritmo fosse melhor internalizado em sua mente. Deixei uma ideia interessante para ela pensar acerca deste ritmo, disse que ela poderia dividir a levada em três partes sendo elas:

1 2 3

TA TA TI TI TA

*“Por não se tratar de uma subdivisão tão simples (por conter síncope), eu costumo testar e ver se o aluno consegue executar. O fato de sempre tentar ensinar esta levada é que ela pode ser muito utilizada. E apesar de certa dificuldade rítmica, ao seguir estes passos, muitos alunos conseguem aprendê-la, mesmo que de ouvido.”*

Pedi que a Paula tentasse em seguida executar o ritmo. Inicialmente ela se “embolou” com os sentidos (cima e baixo) da batida e com isso sugeri que ela começasse fazendo primeiramente as partes 1 e 2 da batida. Primeiro eu fazia e em seguida ela repetia. Fiz repetidas vezes essas duas primeiras partes. Em seguida, propus que fizéssemos as partes 2 e 3, então primeiro eu toquei e depois ela fez juntamente comigo por repetidas vezes. Ela conseguiu executar bem. Em seguida, sugeri que tocássemos o ritmo inteiro uma vez. Então, primeiro eu fiz e em seguida ela fez comigo, ainda um pouco confusa acerca dos sentidos, pois ela confundiu um toque para cima como um toque para baixo, contudo, percebi que ela internalizou o ritmo, pois, mesmo tocando o sentido errado, ela acertou o ritmo proposto. Com mais algumas repetições ela conseguiu executar uma vez a levada. Em seguida, disse que ela poderia tentar fazer duas vezes a levada consecutivamente. Mostrei como ficaria e depois ela executou. Repetimos várias vezes e ela aparentemente internalizou a levada. Por fim, expliquei que se ela conseguiu conectar duas levadas, ela poderia fazer executá-la até 20, 30 ou quantas vezes fossem necessária, pois já entendeu como seria a conexão entre elas.

Procurei explicar que uma música que utilizaria esta levada dentro da nossa proposta, teria várias repetições seguidas; e comparei a mão direita a um motor que fosse ligado no início da música, sempre naquele mesmo ritmo repetindo por várias vezes, ou seja, várias batidas conectadas; e a mão esquerda fica responsável pela troca de acordes, o que dá todo o movimento para música. Então disse que essa levada a principio seria aparentemente algo muito exato e repetitivo, mas que futuramente ela ficaria mais solta, as vezes acrescentando alguma subdivisão rítmica que seria algo



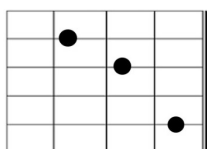
natural de quem toca uma levada há muito tempo. Nessas explicações toquei e demonstrei tudo que havia dito, pois entendo que este olhar facilita muito na compreensão do aluno.

Como a Paula havia tido um ótimo desempenho com os acordes aprendidos até então, na outra parte da quarta aula, sugeri que aprendêssemos os acordes C (figura 15) e F, que seriam muito importantes para o desenvolvimento da mão esquerda e possibilitaria ainda mais que ela escolhesse alguma música para aprender.

Apesar da aluna demonstrar interesse por rock, o estilo possui diversos subgêneros e existem uma gama de músicas que ela poderia se interessar, então, se ela conseguir executar todos os acordes básicos, é mais provável que ela consiga tocar a maioria das músicas que quiser, mesmo que haja necessidade de adaptação, uso de capotaste ou mudança de tom.

Seguindo a ordem dos acordes, escrevi o acorde C no diagrama e pedi que ela executasse. O acorde de C é o primeiro da lista dos acordes básicos desta proposta que conta com três casas, o que o torna mais difícil de montar e limpar, mas, ainda sim ela tirou um bom som, tendo em vista que ela veio seguindo um estudo gradual de dificuldade dos acordes e é uma excelente aluna que se dedica em casa durante a semana.

**Figura 15** - Diagrama do acorde C:



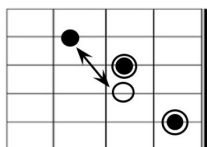
*“A realidade é que muitos alunos que já estudaram comigo demonstravam gostar da aula, gostar de violão, mas por algum motivo não estudavam em casa e isso afetava diretamente os estudos. Alguns alunos pareciam ter contato com o violão somente durante as aulas e com isso, procurei desenvolver uma metodologia que trouxesse algum resultado (mesmo que lento) para este tipo de aluno que não pratica em casa. Levando em consideração este período inicial, os treinos em casa são cruciais para o desenvolvimento do aluno, e este período dos dois primeiros meses, geralmente, os alunos estão mais animados e dispostos a estudar em casa, mas caso isso não ocorra, todo processo é prejudicado e se torna lento.”*

*“Alunos que tem mais dificuldades, tendem a considerar coisas que são fáceis para a maioria como muito difíceis; e isso é algo que entendo e procuro criar alternativas variadas de manter a motivação do aluno e facilitar o máximo possível de coisas para que ele supere aquilo, para depois partir para um próximo nível.”*

Assim que a Paula fez o C eu mostrei a proximidade do acorde de C para o Am. Mostrei que eles tem dois dedos em comum e que a diferença entre eles esta no dedo 3 que em Am fica na casa

2, uma corda abaixo do dedo 2 e que em C o dedo 3 fica uma corda acima do dedo 2 e na casa 3. Então, propus a troca de C para Am (figura 16) focalizando mais no movimento do dedo 3 começando de C para Am e em seguida de Am para C. Ela não teve dificuldades pois o fato de ter dois dedos em comum facilita muito na estabilidade da mão e a troca em si que acaba dependendo da mudança de apenas 1 dedo.

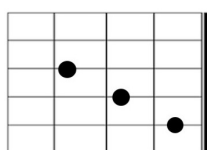
**Figura 16** - Aproximação de Am (círculo vazio) para C (círculo preenchido):



Como C é o primeiro acorde dela que ocupa três casas, expliquei que a mão esquerda pode ficar um pouco “de lado”, inclinada, para tornar a anatomia do acorde mais confortável e menos dura.

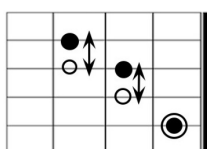
Depois de treinar o C, treinamos o F (figura 17), que tem o formato muito parecido com o C e eu mostrei isso para a aluna, toquei o C e depois o F e ela percebeu que eles tinham um formato parecido e o dedo 1 em comum. O F eu costumo associar a uma “escadinha” pelo seu desenho que tem três notas em casas e cordas consecutivas. Além disso, disse que o F poderia ser tocado com a mão direita sempre nas cordas mais agudas (como havia comentado em D, justamente pelo fato de que estes dois acordes têm o baixo na quarta corda; contudo, como não é o tempo ainda de comentar os baixos, ao meu ver, dei a mesma instrução do D).

**Figura 17** - Diagrama do acorde F:



Mostrei que a diferença visível do C para o F (figura 18) é que entre os dedos 1 e 2 a gente “pula” uma corda, ou seja, existe um corda vaga entre os dedos 1 e 2; já o F é uma escadinha perfeita que não pula nenhuma corda. Veja abaixo:

**Figura 18** - Aproximação de C (círculo preenchido) para F (círculo vazio):



Depois disso propus uma troca de C para F e mostrei no violão como os dedos 2 e 3 se movem em um movimento curto proporcional. Para passar do C para o F nós vamos descer os dedos 2 e 3 cada um uma corda apenas. Como os dedos se mantêm nas mesmas casas a troca não é tão difícil. Disse a Paula que ela poderia fazer a descida destes dois dedos da melhor forma que ela encontrasse, ou seja, poderia descê-los simultaneamente, o que é bem difícil para início; ou ela poderia descer primeiro o dedo 2 e depois o dedo 3; ou o contrário, descer o dedo 3 e depois o dedo 2. Ao tentar, ela preferiu descer com os dedos separados, primeiro o dedo 2 e depois o dedo 3. Portanto, disse a ela que com a prática e o costume desta troca, ela trocaria em uma velocidade maior e que provavelmente optaria por trocar os dois ao mesmo tempo.

Ao final da aula recapitulamos as coisas que já estudamos neste primeiro mês de aula, desde os acordes que foram estes: Em, A, G, D, E, Am, C e F, até os posicionamentos de mão, conceitos, ritmos, cifras, trocas de acordes e etc. Disse que era muita informação, mas que ela não precisaria decorar tudo isso e que caso ela tivesse alguma dúvida, o material das aulas seria o melhor lugar para consultar o que já foi aprendido. E como atividade para casa, deixei uma sequência maior de acordes para que ela treinasse em casa (com andamento 60 e dois pulsos por acorde) e uma menor que ela teria que executar com a levada que aprendemos. Para executar a levada, demonstrei que ela poderia utilizar o metrônomo em 75 bpm (para a levada ficar lenta) e facilitar a troca dos acordes. A sequência que propus tem pelo menos duas levadas para cada acorde, o que fará que ela tenha mais tempo para pensar a troca. Eu fiz para ela perceber e também mostrei que a troca por ser brusca, pode ser difícil. Dei a orientação de que antes de executar os acordes com a levada, que ela executasse a montagem dos quatro acordes do exercício apenas com a mão esquerda, para mentalizar bem o caminho de troca de cada acorde, para que ficasse bem natural para ela. Em seguida fazer a levada duas vezes no D e ao trocar para o A, evitar que ocorra uma pausa do ritmo (demonstrei como seria uma troca com essa pausa, que quebra o ritmo, e uma troca da maneira correta; e ela entendeu) para que o andamento da música fosse mantido. Também disse que ela poderia treinar as trocas com as levadas de maneira separada. Primeiro duas vezes o D e duas vezes o A, em seguida duas vezes o A e duas vezes o Em e assim em diante. Pedi que ela tentasse fazer duas para o A e duas para o Em (que é a troca mais fácil) para perceber se ela entendeu como seria e se seria uma tarefa muito difícil para ela, mas ela conseguiu e disse ter entendido. Para a próxima aula, pedi também que ela trouxesse três nomes de bandas que ela gostaria de aprender algumas músicas, pois eu analisaria com ela e indicaria as melhores possibilidades para ela aprender. Como em toda atividade, costumo enviar o material orientando como praticar em casa, como os diagramas, os rascunhos das aulas e etc. Mas desta vez, como a levada aprendida continha uma rítmica que ela ainda não era capaz de ler, enviei além dos materiais básicos, um vídeo gravado por mim (antes do fim da aula) tocando a levada lenta e rápida, utilizando exatamente os acordes da

atividade para que ela pudesse ter uma referência auditiva exata de como o ritmo deveria soar. Segue abaixo as atividades:

### **Sequência para utilizar a levada:**

**| D | D | A | A | Em | Em | G | G |**

### **Sequência maior de troca de acordes (2 pulsos 60bpm por acorde):**

**| F | C | Am | Em | G | A | D |**

### **2.5.1 Reflexão sobre a experiência da quarta aula:**

Na quarta aula a Paula conheceu um pouco sobre compasso antes de aprender a sua primeira levada, para que ela tivesse uma noção mínima de como a levada se comporta dentro da música. O fato de poder usar os compassos para escrever uma sequência de acordes, levando em consideração que uma levada corresponde a um compasso, torna a prática didática e visualmente mais fácil de fazer. Como a maioria das músicas (que são do interesse dela) utilizam o compasso quaternário, decidi começar com uma levada que servirá par várias músicas neste compasso.

*“A princípio, não considero que seja necessária uma escrita que indique a rítmica exata da levada, pois o foco inicial é que o aluno consiga ter uma destreza mecânica das mãos para executar o ritmo. Como na vida, aprendemos primeiro a falar e depois a escrever. Se pensarmos que já há muitos diagramas e coisas técnicas que envolvem só a prática, podemos perceber que são muitas informações para processar ou até decorar. Entendo que os alunos precisam compreender e saber ler os diagramas, para em casa treinarem da maneira correta. Porém, se fôssemos acrescentar a teoria que explica e organiza toda a parte rítmica por exemplo, utilizando as figuras rítmicas, seria um processo muito mais demorado e possivelmente desanimador para muitos alunos.”*

Para ensinar a levada, eu acompanhei e sempre dei exemplos que mostrassem de forma auditiva e visual como seria executar aquele ritmo corretamente, antes que ela fizesse, pois assim ela teria a referência correta e teria mais chances de fazer uma tentativa correta, e não recorrer na repetição de um erro por várias vezes. Eu costumo fracionar tudo que é possível para uma melhor compreensão, então, quando dividi o ritmo em três partes, percebi que isso ajudou no entendimento, pois aos poucos ela foi melhorando a levada. Também enfatizei a levada em relação ao compasso quaternário para que ela pudesse entender porque aquela levada serviria para um compasso quaternário e também para que ela percebesse que um compasso era apenas um espaço de quatro pulsos onde a levada se encaixava, ou seja, as subdivisões do ritmo foram variados e preencheram o espaço daquele compasso. Ela entendeu que poderia fazer uma levada toda vez que houvesse um acorde por compasso.

A repetição é muito importante para a internalização do ritmo e por isso costumo enviar um vídeo demonstrando como executar a levada, para que o aluno consiga repetir em casa sem correr o risco de executar as setas (cima e baixo) em um ritmo diferente.

Depois que ela internalizou o ritmo e conseguiu executar a levada duas vezes seguidas sem dificuldades, propus que aprendêssemos o C e o F que abririam muitas possibilidades para ela. Como ela conseguiu um bom resultado do Am, não foi difícil aprender o C e o F, por terem dedos em comum e movimentos próximos. Pensei logo que com estes acordes ela poderia tocar a música “*Wish You Were Here*” toda, que ela estava muito empolgada para aprender.

Para concluir, propus dois exercícios para a próxima aula que exigiram bastante treino, mas que foram muito importantes para que começássemos a “tirar” as músicas. O exercício envolvendo a troca de mais de dois acordes foi um desafio, mas foi pensado de maneira que as trocas fossem fáceis. Já o exercício rítmico foi um desafio, pois a questão da troca dos acordes sem gerar uma pausa é muito complicada, e é onde a maioria dos alunos tem dificuldades.

## 2.6 Quinta aula

No dia quatro de outubro, às 19h, começamos a quinta aula com os exercícios que eu havia deixado para a aluna Paula. Primeiramente, pedi que ela tocasse (antes de tudo) a levada que aprendemos, utilizando apenas o acorde de Em. Ela conseguiu executar muito bem, apesar do ritmo não estar perfeitamente no tempo, e eu expliquei isso a ela, que ela poderia tentar encaixar um pouco melhor os dois toques que são para cima. Os toques para cima soaram com um espaço (um pouco maior do que deveria) entre eles. Para ajudá-la, propus que fizéssemos o ritmo juntos em Em e eu consegui mostrar a diferença que percebi no ritmo dela e ajudei a corrigir, portanto, enfatizei que o ritmo dela já estava bom, só necessitava de acertar um pequeno detalhe. Ao repetir a levada por várias vezes ela conseguiu corrigir e em seguida pedi que ela tocasse a sequência que propus na aula passada. Ela tocou e conseguiu executar todos os acordes e passagens de acordes, sendo eles de D para A; de A para Em; e Em para G. Como as trocas não eram novidade, ela conseguiu conciliar o ritmo da mão direita com as trocas em um andamento lento (75 bpm). A novidade estava no fato de tocar quatro acordes seguidos utilizando uma levada, sem “quebrar” o ritmo e ela concluiu muito bem. Então, antes de passar para o próximo exercício, sugeri que ela tentasse fazer a mesma sequência, porém, sem a repetição de cada acorde, sendo apenas uma vez cada acorde, da seguinte forma:

**| D | A | Em | G |**

Ela conseguiu realizar a sequência sem problema algum, e para terminar esta parte fiz outra sugestão. Pedi que ela tocasse estes acordes de forma que a sequência fosse em uma ordem diferente, da seguinte maneira:

### **| Em | G | D | A |**

Nesta sequência, a dificuldade que ela poderia encontrar seria na troca entre os acordes G e D, que até então, era uma troca que ela não havia aprendido. No entanto, com a sequência nesta ordem ela poderia tocar várias músicas (ou trechos de músicas). Para ajudar com esta possível dificuldade, pedi que ela fizesse apenas com a mão esquerda os movimentos de troca dos acordes G para D (por pelo menos dez vezes, não muito rápido), sem a utilização da mão direita. Mostrei que este movimento não era tão próximo, mas que ela já estava em um “nível” que facilmente conseguiria executar esta troca. A dica que eu dei que ajudaria na estabilização da mão esquerda para esta passagem é o movimento do dedo 3 de G, que ao mudar para o D, se mantém na mesma casa, mas sobe para corda de cima. Ela fez a troca desta forma, mas ainda não teve tanta facilidade, por parecia que ao posicionar o dedo 3 primeiramente, os outros dois dedos de G não conseguiam descer para o D com tanta destreza. Então, pedi que ela fizesse a troca de G para D utilizando apenas os dedos 1 e 2 de G e os dedos 1 e 2 de D. Ela repetiu este movimento com apenas 2 dedos dos acordes por mais vezes, e em seguida pedi para acrescentar o dedo 3 dos acordes e se lembrar do caminho que o dedo 3 fazia em cada acorde. Por fim, ela conseguiu executar a troca.

Como as outras trocas desta nova sequência eram comuns para ela, não houve dificuldade, então, pedi que ela realizasse a sequência inteira duas vezes. Ela fez a primeira vez, com uma pequena pausa entre o acorde G e D, e repetiu mais vezes até conseguir tocar duas vezes a sequência toda. Assim que ela terminou, eu disse a ela que esta harmonia poderia ser usada para tocar as músicas "*Boulevard of Broken Dreams*" da banda *Green Day* e "*Pumped up Kicks*" da banda *Foster The People*. Como ela conhecia as músicas, ficou super animada e eu toquei e cantei um trequinho de cada uma delas; e ela disse que gostaria de aprender. Eu disse que a sequência se encaixa nestas duas músicas, mas que ambas, estão originalmente em meio tom acima, mas que ela poderia usar o capotaste para conseguir tocar no tom original. Prometi que até o final da experiência explicaria como ela poderia utilizar o capotraste. As duas músicas estão no compasso quaternário e por isso, poderiam ser tocadas com a primeira levada que ela aprendeu, porém eu disse que na música "*Pumped up Kicks*" a levada se encaixaria muito bem, mas que na "*Boulevard of Broken Dreams*" eu passaria uma outra levada que era bem mais simples e que ela conseguiria tocar tranquilamente. Antes de mostrar como seria tocar estas duas músicas que ela gostou, pedi que ela me falasse as três bandas que ela gostaria de aprender e ela disse: *The Beatles*, *Avenged Sevenfold* e *Maroon 5*; e com isso já anotei para pesquisar algumas opções de músicas.

Em seguida, pedi que ela me mostrasse o outro exercício que ficou para casa, que consistia em tocar uma sequência grande de acordes, realizando as trocas sem quebrar o ritmo, mas com toques simples para baixo, começando com um toque a cada dois pulsos em 60 bpm para cada acorde e depois pedi que tentasse fazer com um toque para cada pulso, também em 60 bpm. A Paula percebeu as ligações entre estes acordes da sequência, inclusive o dedo 2 em comum de Am com Em que eu não havia comentado.

Ela conseguiu executar muito bem tudo que propus e por isso, em seguida partimos para tentar tocar as músicas "*Boulevard of Broken Dreams*" e "*Pumped up Kicks*". Primeiro começamos com o refrão da "*Pumped up Kicks*" e, para ajudar, a acompanhei fazendo uma base com fragmentos de melodia para que ela a reconhecesse em relação à base. Depois começamos a tocar desde o início, onde fiz o *riff* principal da música para acompanhar. Pedi que ela repetisse por várias vezes, pois a música toda poderia ser acompanhada desta forma. Nós iríamos tocar a música toda, mas depois de algumas cinco repetições ela começou a cansar e a perder o andamento da música, e eu expliquei que isso aconteceu pelo fato de ela ainda não estar acostumada a tocar a sequência tantas vezes, e a prática com repetição iria corrigir isso. Mas, disse a ela que, como a música pode ser acompanhada com a mesma sequência de quatro acordes e com a mesma levada, ela não tinha mais nada a aprender para conseguir tocar ela toda, ou seja, só faltaria ela praticar até ter mais resistência para tocar a sequência durante a música toda.

Em seguida, expliquei como seria para tocar a outra música, "*Boulevard of Broken Dreams*" do *Green Day*, que a princípio ela poderia tocar a introdução e as estrofes da música com esta sequência, e os refrões exigiriam outros acordes (que ela também poderia utilizar como treino de troca de acordes). Expliquei que, por esta música ter um andamento mais lento, a nossa primeira levada soaria muito lenta neste caso. Então eu expliquei como era a sequência desta música e o ritmo que ela poderia usar, apesar das trocas serem as mesmas. A sequência desta música no compasso ficaria assim:

**| Em G | D A |**

Expliquei que o ritmo dela poderia ser da seguinte forma, utilizando batidas para baixo seguindo os pulsos da música:

**| Em G | D A | 2x**

**1 2 3 4 1 2 3 4**

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

Nesta música as trocas são mais rápidas e por isso, sugeri que ela fizesse lentamente até conseguir encaixar os toques de mão direita com os acordes no tempo certo; e depois que estivesse acostumada, poderia acelerar o ritmo. Esse levada que adaptei pode ser usada para acompanhar a

música toda. Então, ela tocou essa primeira parte lentamente por algumas vezes, até conseguir tocar os dois acordes por compasso. Depois, analisando o refrão da música vi que ele tem a sequência seguinte:

| C G | D Em | 3x  
1 2 3 4 1 2 3 4



| C G | B |  
1 2 3 4 1 2 3 4



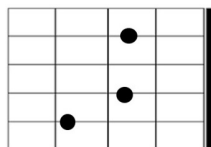
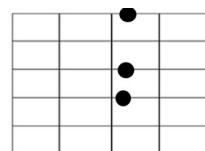
Ao mostrar que no refrão ela teria que executar uma troca com o acorde C e ao final tocar o acorde de B, eu disse que aprenderíamos este refrão assim que ela conseguisse tocar o acorde de B. As trocas de C no refrão seriam de C para G e de Em para C ao repetir a sequência de acordes, mas disse que ela não precisaria treinar esta troca.

Comentei com a Paula que muitas músicas podem ser tocadas com quatro acordes, como os exemplos que mostrei para ela e muitas outras. Existem casos onde conseguimos tocar a música toda com a mesma sequência de quatro acordes, podemos ter músicas onde temos os quatro, mas com sequências diferentes nas partes da música (estrofe, refrão e etc), existem casos que podemos tocar parte da música (intro, ou refrão, ou estrofe, etc) com uma sequência de quatro acordes, entre outras; e o ritmo das músicas, a duração dos acordes na música também podem variar. Portanto, enfatizei a importância de buscar a princípio, músicas que estimulassem essa prática que envolvem quatro acordes e que também estimulassem diversas situações rítmicas com estes acordes. Em seguida, mostrei alguns vídeos no *YouTube* de compilados de músicas tocadas com os acordes um, quatro, cinco e seis (não necessariamente nesta ordem) e mostrei que ela poderia tirar estas músicas. Tem vídeo com os acordes D, A, Bm e G; tem também com Am, F, C e G, entre outros, que representam estes graus (um, quatro, cinco e seis) e podem auxiliar na escolha de músicas, assim também ajudando a incentivá-la.

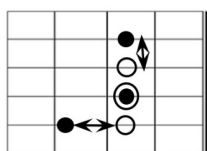
Depois de termos visto as duas músicas que eu havia sugerido e tendo percebido que elas são exemplos do que acabei de citar, ela entendeu e pediu que enviasse links dos vídeos que assistimos.

Em seguida, sugeri que aprendêssemos mais dois acordes, seguindo a sequência dos acordes por ordem de dificuldade, que são eles o Bm (figura 19) e o F#m (figura 20).

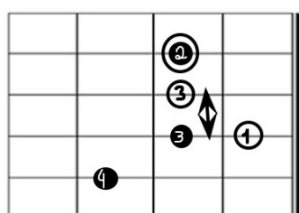


**Figura 19** - Diagrama do acorde Bm:**Figura 20** - Diagrama do acorde F#m:

Começando pelo Bm, mostrei no diagrama como o acorde é, e expliquei que ele era um substituto do Bm com pestana, ou seja, que era um Bm que funcionaria como substituto do Bm feito com pestana (baseado no CAGED) em todas as situações. Ela montou o Bm com os dedos 1, 2 e 3 da mão esquerda, tocou algumas vezes e o som ficou bem limpo. Depois, pedi que ela fizesse a troca de Bm para A, e depois a troca contrária (A para Bm). Quando ela executou a troca (tocando apenas uma vez para baixo, para cada acorde com a mão direita) percebeu que ao passar de Bm para A, o acorde parecia ter sido “fechado”, pois explicou que o dedo 2 ficou no mesmo lugar, o dedo 1 desceu apenas uma corda (na mesma casa) e o dedo 3 apenas escorregou da casa 3 para a 2 (na mesma corda), ou seja, os 3 dedos que estavam “separados” em Bm, ficaram “fechados” em A; e eu a parabenei porque ela conseguiu perceber que o movimento destes dois acordes eram muito próximos e não haveria a necessidade de desmontar o Bm para trocar para o A (figura 21). Então ela realizou a troca algumas vezes e obteve sucesso.

**Figura 21** - Troca de Bm (círculo preenchido) para A (círculo vazio):

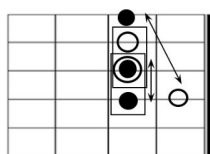
Em seguida propus a troca dos acordes Bm para o E, utilizando os dedos 1, 2 e 3 para montar ambos os acordes. Ela conseguiu fazer a troca corretamente e bem devagar, e em seguida disse que esta troca, diferente da anterior, tinha a necessidade de retirar todos os dedos da posição por não haver nenhum dedo em comum entre os acordes. Então, mostrei a ela um novo jeito de executar esta troca, que seria utilizando os dedos 2, 3 e 4 da mão esquerda para montar o Bm. Desta forma, ao realizar a troca de Bm para o E (figura 22), o dedo 2 se tornaria em comum para os dois acordes. Veja abaixo:

**Figura 22** - Troca de Bm (círculo preenchido) para E (círculo vazio) com indicação dos dedos:

Toquei a troca de acordes e ela percebeu o movimento. Portanto, expliquei que isso poderia acontecer em vários outros casos e que poderia ser cogitado em algum caso de dificuldade entre trocas de acordes, e também que deveríamos lembrar do fato que montar os acordes com os dedos 2, 3 e 4 pode ser mais complicado, e às vezes fazendo com que esta alternativa não valha a pena. Tendo entendido ela tentou tocar desta maneira por algumas vezes e percebeu que utilizando os dedos 2, 3 e 4 seria uma vantagem.

Em seguida escrevi o acorde F#m no diagrama e pedi para ela tocar. Ela montou corretamente e tocou, então, percebi que o dedo 1 estava com um som um pouco “trastejado” (que é quando a nota não fica bem apertada e gera um som metálico). Então, pedi que ela posicionasse melhor o dedo 1, bem perto do próximo traste, para ver se isso ajudaria e aproveitei para comentar que neste acorde, não haveria uma preocupação comum, que é a de não deixar a falange do dedo encostar na corda de baixo (o que causaria um abafamento). Neste caso, o dedo 1 de F#m poderia ficar mais “deitado” e poderia esbarrar a falange na corda de baixo (corda lá), fazendo com que o som da corda lá ficasse abafado. A corda lá solta poderia soar dentro do acorde de F#m (por fazer parte da tríade), porém, pode causar um choque entre o baixo e a corda lá, por serem notas mais graves, causando uma sensação de som “embolado” entre elas. Dessa forma, ela tentou executar novamente, tocou algumas vezes e conseguiu um resultado melhor, considerando que a posição ficou mais confortável com a dica do dedo 1. Em seguida, propus duas trocas de acordes (que são bem comuns em primeiras músicas com F#m) que são entre E e F#m (ida e volta) e entre F#m e D (ida e volta). Começando pela troca de E para F#m (figura 23), demonstrei a troca e enfatizei como, apesar de não haver dedos em comum, o movimento poderia ser facilitado se pensássemos os dedos 2 e 3 como um bloco (com os dois dedos colados), pois essa é uma característica comum entre estes dois acordes, facilitando e dando uma certa estabilidade para realizar a troca. Demonstrei no violão e em seguida pedi que ela executasse lentamente. Ela tocou algumas vezes até obter sucesso. Depois pedi que fizesse o caminho contrário que seria de F#m para E, lembrando do mesmo conceito da troca anterior (utilizando os dedos 2 e 3 como bloco); e novamente ela conseguiu executar.

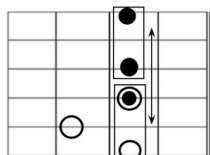
**Figura 23** - Troca de F#m (círculo preenchido) para E (círculo vazio):



Logo depois sugeri a troca de F#m para D (figura 24), e antes que ela tocasse, demonstrei o movimento e disse que poderia acontecer uma intenção de bloco também, porém entre os dedos 1 e 2; mas expliquei que neste caso, o bloco não seria conectado, ou seja, os dedos não ficariam

“colados”, mas que a proposta de aproveitar o formato poderia ser considerado para otimizar a troca, não deixando que os dedos fizessem movimentos desnecessários, tendo em vista que o “desenho” destes dois dedos seria aproveitado nos dois acordes. Ela entendeu, em seguida executou a troca (lentamente) algumas vezes e conseguiu se sair bem. Tendo conseguido, pedi que ela fizesse o movimento contrário, indo de D para F#m. Ela utilizou a mesma ideia da ida, tocou algumas vezes até conseguir um bom resultado.

**Figura 24** - Troca de F#m (círculo preenchido) para D (círculo vazio):



*“Sobre os treinos de acorde, penso que, o aluno precisa conhecer as formas, entender que consegue realizar as trocas (levando em conta as orientações), mas que não necessariamente precisa chegar em casa e treinar todas as trocas e exercícios que já passei até hoje. Entendo que o material é acumulativo, mas entendo que se o aluno tiver a obrigação de treinar tudo, ele provavelmente se sentirá desanimado, pela carga de tarefas. Então, costumo pensar que determinada música que o aluno queira aprender (e que ele já aprendeu os acordes em algum momento), trará a demanda de algumas trocas para que a música seja tocada, e essa demanda vai de encontro ao objetivo do aluno que é tocar aquela música que ele gosta, e não um exercício (diretamente) monótono. Ou seja, o fato de aprender músicas é crucial para o aluno se divertir, aprender e se desafiar.”*

Para finalizar a aula, enviei todo o material da aula para a Paula e sugeri que ela treinasse a música “*Pumped up Kicks*”, para criar resistência e conseguir executar a sequência por mais vezes, pedi que treinasse as trocas novas desta aula (G - D, Bm - A, Bm - E, E - F#m e F#m - D; ambos tocando ida e volta) utilizando a levada em quaternário que ela aprendeu, uma ou duas vezes, se necessário, para realizar as trocas; e caso ela quisesse praticar outra atividade como qualquer coisa mostrada em aula, ou alguma troca antiga, ou se ela achasse alguma sequência nova nos vídeos do *YouTube*, que ela poderia praticar, porém ela não precisaria me mostrar na próxima aula.

### **2.6.1 Reflexão sobre a experiência da quinta aula:**

Para iniciar a aula pedi que a Paula tocasse a levada, para perceber se ela conseguiu praticar da maneira correta, e ela conseguiu muito bem, apesar que o ritmo estava um pouco confuso em uma parte específica da levada. Então, eu mostrei a parte que poderia melhorar e sugeri que fizéssemos a levada por mais vezes até que o ritmo melhorasse. Em seguida, ela tocou o primeiro

exercício que havia ficado para casa, que consistia em tocar uma sequência de quatro acordes, utilizando a levada duas vezes por acorde (para dar mais tempo para as trocas de acordes). Ela conseguiu tocar corretamente, e então, a pedi que tentasse tocar a mesma sequência com apenas uma levada para cada acorde (dando menos tempo para realizar a troca entre os acordes), para ver como ela se sairia, e ela se saiu bem. Depois, propus uma sequência diferente utilizando os mesmos acordes, porém com uma troca diferente que foi a de G para D. Ela conseguiu executar as trocas e por consequência mostrei duas opções de músicas que ela poderia tocar com aqueles acordes, com o intuito de mostrar algumas situações reais onde aqueles acordes e a levada poderiam ser aplicados. Esperei que estas músicas trouxessem um ânimo por ser mais um resultado de treinos e trocas que ela realizou. Apesar de desde o início, demonstrar que os treinos são possíveis partes de músicas, como na primeira troca (Em para A) que poderia ser utilizada para tocar a "*Horse with no name*", por exemplo. Contudo, nesta nova fase de troca entre quatro acordes, as possibilidades de músicas para aprender aumentou muito mais; e por isso, apresentei os vídeos do *YouTube* que continham várias músicas que poderiam ser tocadas com quatro acordes, para que ela pudesse ver em casa com calma e talvez encontrar alguma música que ela sempre quis tocar, ou simplesmente para perceber a quantidade de músicas que seria possível tocar essas possibilidades de acordes. Ela percebeu que apesar de ser possível tocar várias canções com esta proposta, existia algumas particularidades de cada uma, acerca de compasso, ritmo e dinâmica.

Para dar continuidade na aula e perceber como as trocas do segundo exercício ficaram, pedi que ela tocasse e ela conseguiu ter um ótimo resultado. E o que achei mais interessante foi ela ter percebido que os acordes Em e Am tem o dedo 2 em comum, e isso mostra como é importante explicar os conceitos das técnicas e posicionamento para o aluno, pois ele, ao aprender um conceito correto, poderá aplicar em outras situações.

Posteriormente, voltamos para as duas músicas que eu havia falado que poderiam ser tocadas com os acordes Em, G, D e A; que são elas: "*Boulevard of Broken Dreams*" e "*Pumped up Kicks*". Começando pela "*Pumped up Kicks*", pois ela pode ser acompanhada do início ao fim, repetindo apenas esta mesma sequência e utilizando sempre a mesma levada. Escrevi a sequência e tocamos juntos, de forma que ela percebesse que estava acompanhando a melodia, mas por não ter um tempo de prática maior, ela se cansou ao realizar a troca por várias vezes, então orientei que praticasse em casa para pegar uma maior resistência e conseguir repetir a sequência por mais vezes. Logo depois mostrei a música "*Boulevard of Broken Dreams*", e mostrei que, com aquela sequência seria possível tocar a música toda, com exceção dos refrãos. Trazendo a realidade de que esta música não seguia a mesma ordem de acordes por ela toda. A diferença também se apresenta no tempo dos acordes, pois apesar de estar dentro do compasso quaternário, temos dois acordes por compasso e com isso, precisaríamos adaptar a levada, que também não era a mesma que já

conhecíamos, mas neste caso, foi fácil de fazer por ser a marcação dos pulsos dentro dos compassos. Ela tocou a parte que continha a sequência que foi proposta, e a segunda parte eu disse que poderíamos aprender quando ela conhecesse o acorde B (pois no refrão, este é o único acorde que ela ainda não conheceu), pois não vejo problema em trabalhar situações musicais isoladas. Qualquer situação musical, mesmo sendo isolada, considero mais relevante do que um exercício de repetição por repetição.

Como estamos na quinta aula de um total de oito aulas, propus que aprendêssemos mais dois acordes, já que ela está tendo um excelente desenvolvimento. Na experiência, tinha como objetivo ensinar os 12 acordes básicos na sequência definida. Até então, como ela tinha aprendido oito acordes, sugeri mais dois para que restassem apenas mais dois acordes até a última aula, dando tempo de aplicá-los através de músicas ao decorrer das aulas. Os acordes foram o Bm e em seguida F#m. Além de ensinar os acordes novos, propus algumas possíveis trocas que ela usaria em situações de músicas para que ela pudesse associar estes acordes a outros. Para o Bm propus a troca para o A e para o E, já para o F#m, propus a troca para o E e para o D. Até o final da aula ela conseguiu entender as trocas e também as executou observando os movimentos que recomendei.

## 2.7 Sexta aula

No dia 11 de outubro foi a nossa sexta aula, que começou com a correção das atividades da aula passada, começando com a música *“Pumped up Kicks”*, que tem uma sequência de quatro acordes que se repetem na música toda, utilizando uma levada para cada acorde. Pedi que a Paula tocasse juntamente comigo e ela teve um bom resultado; e diferente da aula passada, nesta semana, a levada (em quaternário) ficou muito melhor. Ela conseguiu acompanhar a música do início até o final, apesar que em alguns momentos o andamento caiu, mas ela não deixou a música parar. Eu disse que eu gostei de ver o esforço dela em não deixar que a música parasse, pois na aula passada ela não conseguia “segurar” o acompanhamento por tanto tempo. Aproveitei para dizer que sempre que algum erro ocorrer, é importante que ela tente continuar. Se em uma sequência ela errar algum acorde, que ela continue da melhor forma possível, procurando acertar a entrada do acorde posterior, para evitar que o erro crie um bloqueio que pare a música e que pode acontecer toda vez que ela errar.

Logo depois pedi que a aluna tocasse as trocas dos acordes novos, com excessão de G para D, pois já havia sido tocada na música *“Pumped up Kicks”*. Primeiro ela tocou a troca de Bm para A, depois Bm para E, depois E - F#m e por último de F#m para D. Ao perceber que ela executou as trocas da maneira correta, levando em conta as orientações, pedi que ela fizesse a seguinte sequência:

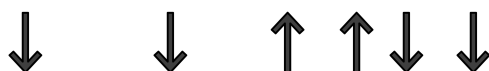
**| A Bm | Bm E | E F#m | F#m D |**

Esta sequência liga as trocas que ela fez anteriormente, porém com uma abordagem de compasso parecida com a da música "*Boulevard of Broken Dreams*". Sugeri este exercício para que ela utilizasse os novos acordes na proposta de dois acordes por compasso, que exige mais agilidade nas trocas, ficando da seguinte forma:

**| A Bm | Bm E | E F#m | F#m D |**



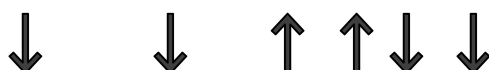
Ela tocou o exercício lentamente, sem dificuldades e utilizando as recomendações que fiz. Em seguida, percebi que ela poderia aprender mais uma levada (em compasso quaternário) para aumentar as possibilidades de músicas que ela poderia tocar. Portanto, sugeri que ela aprendesse a seguinte levada:



| 1 2 3 4 |

Esta segunda levada acompanha músicas de compasso quaternário e, assim como a primeira, é equivalente a um compasso 4/4 inteiro. A nova levada poderá ser utilizada em várias músicas que possuem um bpm igual ou menor a 130 (maior que isso, seria ideal a primeira levada, pois seria uma levada melhor para este andamento). Com o surgimento desta nova levada, propus que a gente nomeasse as duas levadas com os seguintes nomes: "Levada 1" para a primeira e "Levada 2" para esta nova. Primeiramente toquei a Levada 2 e cantei juntamente com o ritmo, utilizando as sílabas "Ta" e "Ti" da seguinte forma:

TA TA TI TI TI TA



| 1 2 3 4 |

Depois, pedi que ela batesse palmas neste ritmo junto comigo cinco vezes, para que o ritmo fosse internalizado. Nesta levada sugeri que ela dividisse em duas partes:

1 2

TA TA | TI TI TI TA



| 1 2 3 4 |

Depois que ela bateu as palmas no ritmo juntamente comigo, eu a pedi que tentasse tocar a nova levada. Sugeri que ela fizesse as partes separadas, primeiro eu fiz a parte 1 e em seguida ela também e não teve dificuldades (por ser dois toques que sincronizam com os pulsos). Depois toquei a parte 2 e ela repetiu. De início ela teve dificuldade com os sentidos das batidas, mas pedi que ela insistisse em tentar acertar a parte 2. Depois de várias tentativas tocando juntos, ela conseguiu executar pelo menos três vezes a parte 2 corretamente, demonstrando ainda, uma leve insegurança nos sentidos das batidas, mas com o ritmo muito bem definido em mente. Mas, eu disse que se ela praticasse mais vezes, conseguiria se adaptar àqueles sentidos. Depois, propus que fizéssemos a Levada 2 completa; e tocando juntos, com algumas tentativas conseguimos acertar. Para ajudar no treino em casa, gravei um vídeo na hora da aula tocando a Levada 2 e a enviei, para que em casa, ela pudesse ter uma referência de audio e video que seria importante para que ela não distorcesse o ritmo exato dela. Lembrei a ela que esta levada, seria a mais ideal (de início) para acompanhar a música “*Wish You Were Here*”, que ela aprendeu a tocar apenas a introdução, porém com um ritmo simplificado. Disse que por termos aprendido os acordes C, D e Am, nós poderíamos voltar nesta música e tentar tocar ela toda. Mas que seria um desafio duplo, por ter uma dificuldade de uma levada nova e de contar com possíveis trocas novas que a música poderia demandar, mas ela topou. Então, em seguida escrevi a música “*Wish You Were Here*” toda, ficando da seguinte forma:

## **WISH YOU WERE HERE**

### *INTRO*

| Em | G | Em | G | Em | A | Em | A | G | G |  
| Em | G | Em | G | Em | A | Em | A | G |

### *ESTROFE*

| C | D | Am | G | D | C | Am | G |  
| C | D | Am | G | D | C | Am | G |

### *RE-INTRO*

| Em | G | Em | G | Em | A | Em | A | G |

### *REFRÃO*

| C | D | Am | G | D | C | Am | G |

### *FINAL*

| Em | G | Em | G | Em | A | Em | A | G | G |  
| Em | G | Em | G | Em | A | Em | A | G | G |

Com a música escrita do início até o final, ela percebeu as diferentes trocas entre os acordes e percebeu as diferenças entre as partes da música (forma: intro, estrofe, refrão e final). As trocas de acorde que foram novas para ela são as de A para G, G para C, C para D, D para Am, Am para G e D para C. Portanto, neste ponto onde ela se encontrava, as trocas não seriam tão complicadas, pois ela veio praticando diversos tipos de trocas que condicionaram a sua mão esquerda a fazer movimentos diversos. A Levada 2 por ser nova, poderia exigir um esforço maior, mas, antes ela já havia entendido com a Levada 1, que a música costuma conectar varias unidades da mesma levada, utilizando uma para cada compasso, o que funcionaria da mesma forma nesta música do *Pink Floyd*. Ou seja, apesar de ser uma música grande, com uma levada nova e com trocas variadas de acordes comuns a ela, esta música foi um desafio alcançável para a Paula. Então, na aula eu propus que fizéssemos alguns trechos da música para perceber como ela reagiria e em seguida poder fazer orientações para que ela pudesse praticar em casa. Primeiramente pedi que ela tocasse a intro juntamente comigo. Ela conseguiu fazer a Levada 2 corretamente e realizar as trocas corretamente, tendo em vista que ela já havia praticado estas trocas anteriormente. Depois, fomos para a estrofe, onde temos várias trocas novas, então, antes de tocar a estrofe completa, sugeri que fizéssemos as trocas novas presentes na estrofe, que são elas: C para D, D para Am e Am para G. Além destas, pedi também a troca do último acorde da intro para o primeiro acorde da estrofe, que é a troca de G para C. Ela realizou estas trocas algumas vezes, lentamente, observando os movimentos entre eles e conseguiu sucesso. Por consequência, fizemos juntos a estrofe, mas iniciando a partir do último acorde da intro, para realizar a conexão entre as duas partes da música (intro e estrofe). Ela teve dificuldade, em alguns momentos quebrou o ritmo pela dificuldade das trocas, mas ela conseguiu cumprir as trocas sem parar a música totalmente, e este é o objetivo neste momento; que ela entenda como funciona as trocas, a levada, a sequencia correta, e que tente realizar todas estas demandas da melhor forma, sem parar a música; pois assim, ela está afirmando que, conhece a levada, os acordes e suas trocas, e o tempo de troca entre eles. A execução ideal dificilmente ocorrerá instantaneamente pois necessita de prática, que torna as coisas mais fluentes e trazem mais confiança para o aluno, então, com a prática correta daquilo que o aluno já entendeu como fazer e já experimentou, mesmo que por partes separadas, ele poderá obter sucesso. Por fim, fizemos este processo de execução das partes separadas da música toda, enfatizando aquilo que era novidade e tratando especificamente cada situação; e a Paula conseguiu realizar tudo corretamente. Por fim, eu enviei um link da música para ela acompanhar a música pelo *YouTube*, pois escrevi a cifra exatamente de acordo com o áudio original da música, então ela poderia tocar juntamente com o video, apesar do ritmo da música original variar de várias formas, ela conseguiria sentir a pulsação da música e o ritmo em geral.

*“Muitos professores utilizam a cifragem com a letra da música para iniciar os alunos, mas percebo que esta cifragem não traz visualmente uma referência exata de como a levada irá se*



*comportar na música. Ela apenas aponta em que trecho da música o acorde será encaixado, então, creio que a cifra que costumo utilizar no princípio, desassociada da letra e escrita em compassos, torna a prática mais objetiva e didática neste início. Entendendo também que existe todo um "mundo" que utiliza a cifra com a letra, existem websites como o Cifraclub<sup>5</sup> que auxiliam muito para o aprendizado de diversos alunos, por isso, considero também este tipo de cifragem, porém não no início."*

Para finalizar a aula, disse que na próxima aula eu levaria uma música nova para ela aprender, de uma das bandas que ela citou anteriormente; e disse que ela estava em um ponto onde ela poderia aprender diversas músicas, pois estava com a maioria dos acordes básicos disponíveis e que inicialmente os ritmos, se não fossem as levadas que ela aprendeu, poderiam ser simplificados, caso a música tivesse um ritmo muito difícil. Contudo o meu apoio seria fundamental para guiá-la no aprendizado destas músicas, pois eu saberia como ajudar e administrar qualquer dificuldade dela e simplificar o que fosse necessário para que ela pudesse tocar. Disse que em alguns casos a música poderia estar em um tom difícil, mas que com os acordes básicos e o capotraste seria possível tocar a grande maioria das músicas, apesar que eu precisaria ouvir a música e adaptar a cifra, indicar qual casa ele ficaria. Aproveitei que citei sobre o capotraste e expliquei que ele exerce a mesma função daquela peça branca que antecede os trastes, chamada também de capotraste fixo ou pestana, ou seja, ela serve como um apoio para as cordas. O "capo" móvel cumpre a mesma função daquele que é fixo, porém, quando colocado em alguma casa à frente deste que é fixo, torna o som dos acordes mais agudos, ou seja, é como se estivesse subindo de tom, fazendo com que as formas de acordes básicas pudessem soar com o som de outros acordes que são inacessíveis (até agora), como por exemplo a forma D, que sem o "capo" tem o som de D (ré maior), porém com ele na primeira casa, a forma de D, tocada com o posicionamento proporcionalmente a ele, obedecendo as distâncias proporcionais das casas (como se o "capo" móvel fosse o fixo), soa como D# ou Eb (que possuem o mesmo som). Por fim, expliquei que esta ferramenta a princípio serviria para possibilitar que alguma música em um tom mais difícil pudesse ser tocada, a partir de seu posicionamento correto (na casa correta) e a utilização de formas básicas, que deveriam se encaixar na frente da peça como se o capotraste móvel fosse o fixo, ou seja, sem mudar as proporções das casas que os acordes são naturalmente feitos (sem o móvel). Concluindo, pedi que ela experimentasse colocá-lo na primeira casa e que ela tocasse o acorde de E. Ela colocou e tocou o acorde de E sem dificuldade, então, eu disse a ela que este acorde de E com o "capo" na primeira casa teve um som de F, tendo em vista que na sequência das notas existentes (dó, dó#, ré, ré#, mi, fá, fá#, sol, sol#, lá, lá# e si) o fá viria um semitom à frente de mi. Então ela entendeu e eu frisei que as formas possuem uma identidade

---

<sup>5</sup> <https://www.cifraclub.com.br> "Acesso em 11/10/21"

sobre seu modo (maior ou menor) que não mudam, independente da casa que o “capo” se encontra, ou seja, se ela tocasse uma forma maior de algum acorde com a peça em qualquer casa, esta forma continuaria sendo maior, como aconteceu no caso do E maior que sendo tocado com ele na primeira casa, deu origem a um acorde maior (fá maior).

Para finalizar a aula, deixei como atividade para casa a música "*Wish You Were Here*" apenas, pois ela contém as trocas de acordes novas e a levada nova, conciliada com a Levada 2 (levada nova). E, para auxiliar ainda mais, gravei um vídeo tocando toda a música (em um andamento um pouco mais lento que a original), de acordo com a cifra e levada que propus, para que ela tivesse uma referência melhor e também se quisesse acompanhar com o vídeo em casa.

### **2.7.1 Reflexão sobre a experiência da sexta aula:**

No início da aula, pedi que a aluna tocasse a música "*Pumped up Kicks*" para perceber se ela praticou em casa e conseguiu obter mais resistência para as trocas de acordes repetidas vezes. Ela teve dificuldades, mas demonstrou esforço e por isso obteve sucesso. Com a prática e a repetição ela conseguiu melhorar consideravelmente. Em seguida pedi que ela tocasse as trocas novas de acordes que ficaram como exercício para casa e ela tocou muito bem e por isso propus um exercício simples utilizando esses acordes em um contexto diferente, para que futuramente, quando estes acordes aparecessem em alguma música, ela já tivesse experimentado eles antes com possíveis situações de trocas. Ela aceitou o desafio e conseguiu realizar o exercício.

Depois disso, propus uma nova levada para ela, que seria a segunda levada formalizada neste período inicial de dois meses de aula (oito aulas), que também é uma levada em quaternário, mas que pode ser utilizada em bpm's mais reduzidos. Ao ouvir uma música em quaternário, podemos observar o acompanhamento e perceber dentro destas opções, qual se encaixa melhor. É claro que existem casos onde nenhuma das duas resolverá, mas em muitos casos elas serão utilizáveis, e caso não sejam, cabe a mim simplificar ou sugerir uma outra levada, ou deixar esta música para um outro momento, se for necessário.

Expliquei por passos, assim como fiz com a Levada 1, o ritmo e os sentidos dos toques com a mão direita, para condicionar e demonstrar como a levada deveria ser executada corretamente. E, como aconteceu com a primeira, ela teve uma pequena confusão (o que vejo que é comum) com os sentidos dos toques (cima e baixo), mas desta vez percebi que o ritmo foi memorizado e internalizado com mais precisão. Por fim, ela realizou a Levada 2 algumas vezes e teve sucesso. Por isso, sugeri que ela terminasse de aprender a música "*Wish You Were Here*", pois, agora com a Levada 2 (que é a ideal a principio para esta música) e com os acordes novos que ela aprendeu, seria possível a execução da música toda (já que ela tinha feito apenas a introdução com uma levada simplificada). Então, escrevi a cifra da música completa e em seguida fizemos as partes separadas

da música para que ela percebesse como seria executar cada parte, para posteriormente juntar tudo, ou seja, assim que estivesse acostumada e mais familiarizada com as trocas e o ritmo, ela pudesse juntar tudo e tocar, tendo em vista que tocar uma música completa não é uma tarefa fácil, pois é cansativo e difícil de manter o andamento.

A partir deste ponto a Paula realizará a maioria dos treinos a partir de músicas, diferente do que era antes, que ela realizava um treino para tocar determinada música. As músicas irão propor os novos desafios a ela, e cabe a mim, professor, em administrar as músicas de forma que ela consiga ter desafios alcançáveis e que sigam uma ordem de dificuldade. No caso da “*Wish You Were Here*”, as trocas novas que ela treinaria fora do contexto para aplicar na música, ela treinará dentro da própria música.

Ao final, citei o capotraste como possibilidade de tocar músicas de outros tons mais complicados, e como prometido, dei uma breve explicação de como ele poderia ser utilizado para este fim, e a minha maior preocupação em relação ao ele, foi ensinar o posicionamento correto dos acordes (à frente dele), e não a teoria que explica como isso acontece, pois neste início, entendo que esta ferramenta serviria apenas para possibilitar que o aluno toque músicas que ele não conseguiria tocar sem, ou seja, o capo apenas como um aparato que auxiliasse na prática.

E como atividade deixei apenas a música “*Wish You Were Here*”, pois ela já exige uma grande quantidade de demandas de treino como as trocas e a execução da levada como tudo ocorrendo simultaneamente.

## 2.8 Sétima aula

Dia 18 de outubro, segunda feira às 19h iniciamos a nossa penúltima aula da experiência, que começou com a Paula tocando a música “*Wish You Were Here*” que havia ficado como treino daquela semana. Toquei a música juntamente com ela e fiz a melodia de forma que a ajudasse a reconhecer a música. Ela disse que havia treinado bastante e realmente pude perceber o seu esforço pois ela conseguiu executar todas as partes da música corretamente, apesar que em alguns trechos como a passagem da “Re-intro” para o “Refrão” ela quebrou um pouco o ritmo, com uma pequena pausa entre os acordes desta passagem, mas conseguiu continuar e não deixou a “peteca cair”. Por isso, eu disse que ela teve um desempenho de 95 de 100. Ela seguiu todos os passos e dicas para treinar em casa e principalmente, entendeu que independente de um erro ou pausa, ela precisaria continuar a tocar a música. Sobre a levada, percebi que estava muito boa e com os sentidos muito bem definidos e organizados. A Paula disse que o vídeo que gravei ajudou muito no treino em casa e que o vídeo do *YouTube* ela teve mais dificuldade em acompanhar.

*“Uma coisa que costumo orientar os alunos, mas que não foi necessário falar com a Paula, é que, ao tocar a levada juntamente com os acordes, não deixe que a visão fique dividida entre a mão direita e a mão esquerda. Pois, já aconteceu algumas vezes de um aluno que sempre que ia trocar de acorde, olhava a mão direita e depois olhava para a esquerda para conferir a posição, e nesse revezamento de olhares entre as mãos, ele perdia muito tempo e não conseguia realizar a troca no tempo proposto. Então, costumo orientar que o melhor a se fazer é se acostumar com o olhar na maior parte do tempo na mão esquerda e procurar automatizar o movimento de mão direita, tendo em vista que a levada costuma ser a repetição do mesmo gesto por várias vezes, diferentemente dos acordes que se mudam de tempo em tempo, exigindo assim maior atenção e um olhar fixo.”*

Como a Paula conseguiu executar bem a música, eu disse que ela poderia continuar a praticar para melhorar ainda mais, e que a parte que ela teve mais dificuldade, ela poderia treinar isoladamente, tocando apenas a troca que foi mais difícil executar, e em seguida tentar a música toda.

Em seguida, eu disse que eu mostraria a música que eu escolhi para ser a primeira, dentre as várias músicas que podíamos aprender das bandas que ela sugeriu. A música é da banda *Avenged Sevenfold* e se chama *“So Far Away”*; e como eu conhecia a música e a banda, sabia que esta é uma das músicas mais famosas deles e que muita gente procura a cifra dela para aprender a tocar. Analisei o ritmo e os acordes e propus esta como a primeira música destas três bandas. Eu pedi que ela sugerisse algumas bandas para poder trabalhar diretamente com músicas que ela gostaria muito de aprender e não com músicas que eu sugeria (apesar de ela se identificar com elas). A música *“So Far Away”* pode ser acompanhada com os acordes Em, G, D, C, Am e Bm; sendo todos eles, acordes que ela já tocava e que havia experimentado algumas trocas envolvendo eles. Agora, sobre a levada, a música tem uma variação de ritmos que poderia ser complexa para este início, por isso, sugeri um ritmo simplificado que conta também com a Levada 2. Toda vez que o compasso contar com dois acordes, ela fará dois toques para baixo para cada acorde, de acordo com os quatro pulsos do compasso (dividindo dois pulsos para cada acorde) como aconteceu anteriormente com a música *“Boulevard of Broken Dreams”*; com excessão do início da música, onde temos um ritmo específico que é parecido com o ritmo simplificado que usamos na música *“Wish You Were Here”*, que conta com três toques para baixo dentro de um compasso de quatro pulsos e um acorde por compasso, sendo esses toques para baixo sincronizados com os pulsos um, dois e quatro do compasso (para ajudar, especifiquei na cifra). Costumo deixar alguns ritmos já pré definidos para não haver a necessidade de “sujar” muito a cifra, mas existem momentos específicos que podem ser anotados na cifra para ajudar. Para cada parte da música procurei deixar anotado os ritmos que seriam usados.

Na maior parte do tempo a música é tocada com a Levada 2 e o ritmo simplificado de dois pulsos p/ acorde. A cifra que escrevi ficou da seguinte forma:

## SO FAR AWAY

*ESTROFE* (ritmo de 3 pulsos> ritmo de 2 pulsos p/ acorde> levada 2)

| Em | Em | G D | Bm C | 2x

↓↓↓ ↓↓↓ ↓

| C | D |

*REFRÃO* (levada 2 + ritmo de 2 pulsos p/ acorde )

| Em | G | Am | Em D |

| Em | G | Am | C D |

*ESTROFE* (ritmo de 3 pulsos> ritmo de 2 pulsos p/ acorde> levada 2)

| Em | Em | G D | Bm C | 2x

↓↓↓ ↓↓↓ ↓

| C | D |

*REFRÃO* (levada 2 + ritmo de 2 pulsos p/ acorde )

| Em | G | Am | Em D |

| Em | G | Am | C D |

*PONTE 1* (levada 2)

| E | C | Am | Em |

| E | C | D | C | D |

*SOLO 1* (levada 2)

| E | C | Am | Em |

| E | C | D | C | D |

*REFRÃO* (levada 2 + ritmo de 2 pulsos p/ acorde)

| Em | G | Am | Em D |

| Em | G | Am | C D |

| Am | C D |

*BREAK!*

| Em... | ... | (tocar para baixo 1x e deixar soando 8 pulsos)

*DEDILHADO* (ritmo de 2 pulsos p/ acorde + levada 2)

| Em D | Am G |

| Em D | C |

| Em D | Am G |

| Em D | C |

*SOLO 2* (ritmo de 2 pulsos p/ acorde + levada 2)

| Em D | Am G |

| Em D | C |

| Em D | Am G |

| Em D | C | 2x

*PONTE 2* (ritmo de 2 pulsos p/ acorde + levada 2)

| Em D | Am G |

| Em D | C |

| Em D | Am G |

| Em D | C | 5x

Esta música, apesar de parecer simples, pode ser bem difícil e exigir muito treino, mas por um lado, isso também é muito bom pois será um desafio que trará bons frutos. Ela é muito grande e possui muitos momentos diferentes, por isso, propus que fizéssemos algumas partes da música para acertar a questão rítmica. Primeiramente tocamos as trocas de acordes da estrofe, que ela ainda não havia tocado que são: D para Bm e Bm para C e C para Em. Ela não teve dificuldade com as trocas, mas pedi que trocasse pelo menos quatro vezes cada uma, para que ela ficasse familiarizada. Em seguida tocamos a sequência da estrofe que conta com três ritmos diferentes, então eu toquei primeiro para demonstrar e a aluna entendeu; e em seguida, ela tocou devagar algumas vezes até acertar. Como os ritmos eram comuns para ela, eu percebi que ela não teve muita dificuldade, mas o fato de trocar de ritmo de tempo em tempo era algo completamente novo para ela, mas, mesmo assim ela se saiu muito bem. Logo depois fizemos rapidamente as trocas de acorde do refrão e ela também conseguiu tocar muito bem, então, fomos para a sequência de acordes utilizando os dois ritmos que variam de acordo com a quantidade de acorde por compasso. Depois ela tocou as trocas de acordes da "ponte 1" algumas vezes e em seguida tocou a sequência, que nesta parte conta com apenas a Levada 2. A "ponte 1" tem tudo em comum com o "solo 1", por isso pulamos o "solo 1" e fomos entender como tocar o break, que era muito simples, onde tínhamos apenas o acorde Em tocado uma vez para baixo, mas durando oito pulsos, ou seja, dois compassos inteiros. Eu mostrei como ficaria e ela entendeu; e tocou corretamente logo em seguida. Depois tocamos diretamente a sequência do dedilhado utilizando os dois ritmos que o compõem, e expliquei que como o dedilhado

vem depois do break, a música diminui muito a intensidade, por isso, essa parte do dedilhado deveria ser tocada com o ritmo proposto, porém mais suave e nas partes seguintes a dinâmica da música voltaria a ficar mais forte. Eu mostrei a diferença de dinâmica destas partes com o audio original e ela percebeu. Eu também expliquei que o "solo 2" e a "ponte 2" também eram muito parecidos com o dedilhado, por isso faríamos apenas o dedilhado e em casa ela praticaria a música toda, repetindo a estrofe, o refrão, ou seja, seguindo tudo que a música pede. Portanto, na aula aprendemos as partes que tem características particulares, e como percebemos, tem algumas coisas em comum com outras partes. Por fim, ela tinha experimentado todas as novidades que a música trouxe e eu disse que a enviaria um video naquela noite com a música toda sendo tocada do jeito que adaptei para ela e com um andamento reduzido. Então, deixei como tarefa de casa para ela estudar esta música para tentar tocar todas as partes dela seguidas e disse que na próxima aula, que seria a última da experiência, aprenderíamos os dois acordes restantes dos acordes básicos, que possibilitariam que ela tocasse o refrão da música "*Boulevard of Broken Dreams*" e que concluiriam o nosso objetivo de aprender os 12 acordes básicos.

### **2.8.1 Reflexão sobre a experiência da sétima aula:**

Parando para pensar na evolução da Paula, fico impressionado como uma pessoa consegue desenvolver tanta prática em tão pouco tempo. A verdade é que neste início, entendo que a prática se torna mais importante do que qualquer teoria e por isso concentramos todo o tempo nisso, tanto nas aulas quanto nos treinos que ela executa em casa. O fato dela tocar as músicas, mesmo que só com a harmonia (por enquanto), faz com que ela se veja como instrumentista e capaz de seguir a diante, capaz de conversar com amigos músicos, fazer um som, entre outras coisas.

Na sétima aula ela começou tocando a música "*Wish You Were Here*" com a Levada 2 e com algumas trocas de acordes novas para ela, mas mesmo assim se saiu bem e conseguiu entender tudo que foi proposto. Neste estágio, ela já mostrava estar preparada para novos desafios, e que tinha uma base de experiências com trocas de acordes e levadas que a permitiria tocar muitas músicas. Então, sugeri a música "*So Far Away*" que além de contar com novas trocas, conta também com uma variedade de ritmos entre os acordes, assim, proporcionando um preparo para a realidade de novas músicas. Finalizando os objetivos que eram os de aprender os 12 acordes básicos, aprender pelo menos duas levadas em quaternário, ser capaz de realizar diversas trocas de acordes e conseguir a lidar com diferentes ritmos em uma música.

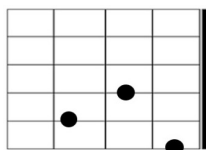
Nesta aula pude falar sobre dinâmica na música nova, trazendo uma consciência sobre a importância da dinâmica e o movimento que ela traz para a música. No video que fiz da música para ela, procurei demonstrar todos os detalhes com bastante clareza, para que ela tivesse a melhor referência para praticar em casa.

## 2.9 Oitava aula

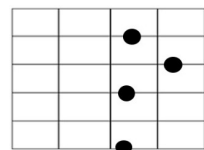
No dia 25 de outubro, segunda-feira, às 19h, aconteceu a nossa última aula da experiência. E nesta aula, começamos com a apresentação da música “*So Far Away*”. Pedi que ela demonstrasse primeiramente cada parte da música separadamente, e ela tocou, conseguiu executar muito bem as trocas novas e conseguiu manter a pulsação, conseguiu executar as trocas rítmicas corretamente. Em seguida propus que tocássemos a música juntos. Tocamos algumas vezes, em um andamento mais lento do que o da música original, tentei sinalizar as partes rítmicas mais marcantes, as melodias da música, inclusive no momento do dedilhado eu procurei fazer e mostrar para a Paula, como a base dela era um acompanhamento correto para o dedilhado e a importância de respeitar a dinâmica. Nós tocamos a música toda e ela conseguiu demonstrar ter entendido tudo o que era necessário para executar a música, mesmo que a execução não tenha ficado perfeita, mas dentro da proposta e dos nossos objetivos, ela tirou nota 100.

Em seguida eu sugeri que aprendêssemos os dois acordes restantes para finalizar os 12 acordes básicos, que são eles o Dm (figura 25) e o B (figura 26).

**Figura 25** - Diagrama do acorde Dm:



**Figura 26** - Diagrama do acorde B:



Estes acordes chegaram em um momento onde eles não apresentam grandes dificuldades para a montagem e para as trocas, pois a Paula já vivenciou tantas experiências, que acabaram tornando esses acordes mais fáceis de fazer do que eles seriam no início. O acorde de B é o único da lista que conta com os quatro dedos da mão esquerda e por isso ficou por último. Portanto, mesmo não havendo grandes dificuldades, sugeri que ela fizesse as trocas de F e Dm e de B para E. Na troca de Dm para F não temos nenhum dedo em comum, mas os dedos 1 e 2 de Dm apresentam uma estrutura muito parecida com os dedos 1 e 2 de F, então ela fez a troca e percebeu a semelhança entre eles, e reconheceu que isso já foi algo que tratamos anteriormente. Em seguida na troca de B e E eu mostrei que havia um dedo em comum entre eles que é o dedo 2, então ela percebeu e conseguiu executar a troca. Depois disso, sugeri que fizéssemos o refrão da música “*Boulevard of Broken Dreams*” da banda *Green Day*, que não havíamos conseguido tocar por não ter aprendido até então o acorde B. O refrão da música é da seguinte forma:

**1 C G | D Em | 3x**  
**1 2 3 4 1 2 3 4**  
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓



	C	G		B			
1	2	3	4	1	2	3	4
↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓

As trocas da música que envolvem o B são as de G para B e de B para Em, no momento que a música volta para a estrofe. Então pedi que ela fizesse as trocas uma por vez, utilizando o “capo” na primeira casa (para deixá-la no tom original) e para observar o movimento das trocas, começando pela passagem de G para B, que não havia nenhuma semelhança. Mesmo assim ela conseguiu realizar a troca utilizando dois toques para baixo em G e dois toques para baixo em B. Em seguida ela fez a troca de B para Em e achou muito fácil. Neste caso eu disse a ela que se quisesse poderia manter um dedo em comum de B para Em, que seria o dedo 2 e que para passar de B para Em ela tiraria os dedos 1 e 3 de B e acrescentaria o dedo 3 na mesma casa do dedo 2 e na corda logo abaixo do dedo 2, assim, gerando uma nova forma de executar o Em. Disse que ela poderia realizar este conceito em outras situações.

Em seguida, eu propus que ela tocasse a música do *Green Day* do início até o final, utilizando o capotraste na primeira casa e escrevi a cifra para ela, ficando da seguinte forma:

### **BOULEVARD OF BROKEN DREAMS (capo na 1ª casa)**

#### *INTRO*

| Em G | D A | 2x

#### *ESTROFE*

| Em G | D A | 7x

#### *REFRÃO*

| C G | D Em | 3x

| C G | B | *B com 5 toques e uma pausa*

↓↓↓↓↓

#### *RE-INTRO*

| Em G | D A | 2x

#### *ESTROFE*

| Em G | D A | 7x

#### *REFRÃO*

| C G | D Em | 3x

| C G | B | *B com 5 toques e uma pausa*

↓↓↓↓↓

*INTERLÚDIO*

| Em G | D A | 2x

*SOLO*

| C G | D Em | 3x

| C G | B | B | *último B com 5 toques e uma pausa*

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

*ESTROFE*

| Em G | D A | 2x

*REFRÃO*

| C G | D Em | 3x

| C G | B | B |

↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓

*OUTRO*

| Em C | D A | G B | 4x

| Em | *tocar uma vez e deixar soar...*

Nesta escrita eu procurei representar uma parte específica que acontecia em B, onde o ritmo tinha uma subdivisão rítmica que tinha o dobro de velocidade do pulso da música, que sempre vinha seguida de uma pausa, sendo cinco toques rápidos e uma pausa em seguida; com excessão de duas partes onde o B tinha oito toques inteiros que preencheram o compasso todo. No resto da música, os acordes poderiam ser tocados da maneira que tratamos anteriormente (dois toques para cada acordes). No final, na música original temos um ritmo quebrado, mas propus que ela fizesse o final com o ritmo normal e terminando no acorde de tônica (Em). Ela entendeu todas as informações, e para ajudar eu toquei as partes onde temos os ritmos específicos de B e ela repetiu e conseguiu fazer igual. Por fim, pedi que ela tocasse as partes da música isoladamente e ela conseguiu tocar em um tempo reduzido. Deixei para próxima aula a tarefa de praticar essa música, apesar da próxima aula não fazer parte da experiência; e também prometi enviar um vídeo para auxiliá-la no treino em casa, como já estávamos acostumados a trabalhar. Portanto, essa última música proporcionou para a Paula uma nova experiência que foi tocar com a utilização do capotraste. Além disso ela utilizou o acorde de B, envolvendo duas trocas com ele e encontrou uma nova situação rítmica que esta música demandou para os acordes de B.

Concluindo a aula, agradei a Paula pela oportunidade da experiência e a parabenizei por todo o esforço e dedicação, o que sem dúvidas possibilitou que esta experiência fosse realizada em apenas oito aulas. Ela desejou continuar com as aulas e se sentiu motivada pelas conquistas dela.

### **2.9.1 Reflexão sobre a experiência da oitava aula:**

No início da aula pedi que a Paula tocasse a música “*So Far Away*”, que ficou sendo o único exercício para casa. Ela tocou primeiramente as partes, para lembrar os ritmos e as passagens. Em seguida tocamos a música algumas vezes e como eu disse na aula, ela conseguiu alcançar o objetivo de entender tudo que foi proposto, conseguiu executar os ritmos e as passagens corretamente.

Na última aula restavam apenas dois acordes para aprender e eu também gostaria de proporcionar uma experiência com o capotraste até o final da experiência. Então, comecei com os dois acordes novos (Dm e B), propondo também algumas trocas e sugerindo uma outra maneira de montar o acorde de Em (na troca de B para Em), para aproveitar o dedo em comum com o acorde de B. Ela entendeu e realizou as trocas corretamente. Então, eu sugeri que aprendêssemos a música “*Boulevard of Broken Dreams*” toda, já que ela necessitava do acorde de B. Então escrevi a música, lembrei do ritmo que tínhamos feito anteriormente e especifiquei um ritmo que acontecia na música, toda vez que surgia o acorde de B. Depois de escrever, analisamos e tocamos cada parte da música em um tempo menor que o da música original, lembrando que esta música foi tocada com o capotraste preso na primeira casa. Imaginei que o "capo traria alguma dificuldade, mas ela conseguiu entender que era só montar as posições que ela já conhecia, porém na frente dele. Apesar de essa ser a última aula da experiência, enviei um vídeo para ela tocando a música, para que ela tivesse uma referência exata do que deveria fazer em casa e porque ela deu continuidade com as aulas particulares. Por fim agradei pelo empenho e percebi que ela ficou feliz com o resultado destas oito aulas

### 3. CONCLUSÃO

#### 3.1 Resultados

Foi interessante ver como conseguimos alcançar os nossos objetivos de maneira gradual em apenas dois meses de aula, começando de simples trocas de acordes e toques simples de mão direita para baixo, até o ponto de tocar a harmonia de várias músicas em vários tons, principalmente dentro do repertório de interesse da aluna. Contudo, é importante entendermos que a experiência durou apenas oito aulas principalmente pelo rendimento da Paula, pela sua dedicação e tempo gasto durante a semana praticando o que foi visto durante as aulas. Essa experiência poderia durar muito mais tempo se a aluna não tivesse esse comprometimento, mas ainda assim ela conseguiria alcançar os nossos objetivos, pois os conceitos, os aprendizados e os objetivos terão sempre a mesma sequência e são adaptáveis para cada aluno, trazendo uma facilidade que poderia proporcionar que a aluna conseguisse tocar apenas se tivesse contato com violão durante as aulas. Para cada etapa, elaborei formas de simplificar as coisas, como fragmentar os estudos em pedaços, pois entendo que isso faz com que o aluno consiga aprender aos poucos, em seu tempo. O esforço dela colaborou diretamente para que nós atingíssemos estes objetivos em oito aulas, e ainda assim ela não precisou praticar horas diárias para atingir as metas, pois eu sempre orientei que seria melhor que ela tivesse um contato diário com o instrumento, com pelo menos 15 a 25 minutos de prática e treino, do que se tivesse contato em apenas um dia da semana, mesmo que com três horas de treino, por exemplo.

Por fim, o resultado da experiência foi positivo e as estratégias metodológicas fizeram sentido para a Paula. Podemos perceber na prática que as propostas de trocas de acordes funcionaram bem e proporcionaram uma facilidade que contribuíram para uma maior motivação, atreladas a contextos musicais que contemplaram o interesse dela, comprovando as referências bibliográficas fizeram sentido com este trabalho.

#### 3.2 Contribuições futuras

Neste trabalho procurei desenvolver a iniciação ao violão acompanhador por ser algo recorrente que presencio nas minhas aulas particulares. Muitos alunos se interessam por tocar músicas com acordes fáceis e por poder compartilhar ideias com amigos que também tocam instrumentos. Portanto, também percebo a importância da aplicação de melodias que fazem parte do cotidiano dos alunos, seja de vídeos do aplicativo *TikTok*, ou de jogos, ou de alguma canção que eles conheçam, pois estas melodias também podem envolver o aluno e gerar mais motivação. Para isso, poderíamos utilizar a tablatura simples, indicando somente as cordas e as casas a serem tocadas. No início seria interessante aplicar melodias que possuem notas na mesma corda e depois

aos poucos inserir outras que gerem mais dificuldades como notas distantes ou saltos de cordas. Eu já tive oportunidade de inserir melodias em aulas com alunos que se interessam por estilos variados como o rock, ou sertanejo, ou pagode por exemplo e funcionou muito bem. A vantagem de inseri-las nas aulas é o fato de que podemos ter momentos diferentes no decorrer do estudo. Melodia e harmonia são muito diferentes e para um aluno pode ser que um ou outro possa ser mais cansativo, então o professor pode administrar as duas possibilidades para trabalhar durante as aulas. Nas minhas aulas percebo que alguns alunos gostam mais de aprender melodias do que a harmonia, então procuro trabalhá-las quando eles estão esgotados de praticar acordes, mas o contrário também é uma possibilidade recorrente.

Acredito que um trabalho futuro pode ser desenvolvido acerca da utilização de melodias e acordes nesta abordagem gradual, que visa um início por passos curtos e estratégicos que proporcionem que qualquer aluno consiga obter sucesso. Como no meu trabalho trato apenas da iniciação ao violão acompanhador, acredito que a melodia poderia ser incorporada nesta parte inicial de forma a aumentar a satisfação dos alunos, portanto, seguindo este conceito de nível gradual de dificuldade e tendo um equilíbrio lógico entre as duas partes (harmonia e melodia).

### **3.3 Conclusão da experiência**

Ao final deste trabalho concluo que na atualidade em que vivemos, o acesso demasiado de informações contribuem para uma geração que busca um resultado rápido e que não consegue sentar na frente de um livro para estudar música. A verdade é que eles querem fazer música e ter alguma experiência prática com o instrumento desde a primeira aula. Portanto, a iniciação deve ser chamativa e pensada para que o aluno possa se sentir motivado a se aprofundar nos estudos e posteriormente aprender a ler partitura ou a executar técnicas mais complexas.

Entendo que o início é um momento importante e decisivo para que o aluno ame a música e o instrumento e posteriormente prossiga com os estudos, fazendo com que a música possa surtir os seus efeitos positivos em todas as áreas da vida deste aluno.

Ao finalizar esta experiência, percebo que essa metodologia que proponho pode contribuir para que muitos professores possam refletir em sua maneira de iniciar um aluno ao violão acompanhador. Posso dizer que ela foi completamente decisiva na minha atuação como professor de violão, pois, foi ao longo de alguns anos de pesquisa e com a ajuda dos próprios alunos que desenvolvi esta maneira de ensinar, que pretende atender à necessidade dos alunos, portanto com fundamentos técnicos que orientem os alunos da maneira adequada para este início.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRAZIL, Marcelo. *Ensino de violão para iniciantes: uma reflexão sobre o uso das tonalidades*. VII Simpósio Acadêmico de Violão da EMBAP, p. 162-171 – Curitiba, 2013

FERNANDES, José Nunes. *Educação Musical e fazer musical: o som precede o símbolo*. Revista Plural - Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Música Villa-Lobos – Vol.1. – Rio de Janeiro: EMVL, p. 47-58, 1998.

SALLES, Pedro Paulo. *Ensaio sobre a gênese da notação musical na criança*. Revista Plural - Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Música Villa-Lobos. – Vol.1. – Rio de Janeiro: EMVL, p. 21-45, 1998.

SWANWICK, Keith. *Ensino instrumental enquanto ensino de música*. Trad. Fausto Borém de Oliveira, rev. Maria Betânia Parizzi. Cadernos de Estudo-Educação Musical n.4/5, São Paulo, 1994. Disponível em <[http://www.atravez.org.br/ceem\\_4\\_5/ensino\\_instrumental.htm](http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/ensino_instrumental.htm)> Acesso em: 25 de abr. 2014.

SWANIWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Tradução de Alda de Oliveira e Cristina Tourinho – São Paulo: Moderna 2003, 128p. Publicação original: 1999.

TEIXEIRA BARRETO, M. S. *Ensino Coletivo de Violão: Diferentes Escritas no Aprendizado de Iniciantes*. 2008. Monografia de fim de curso de Licenciatura em Música – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

TOURINHO, Cristina. *A motivação e o desempenho escolar na aula de Violão em grupo: Influência do repertório de interesse do aluno*. In: <http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/viewFile/45/52>. 2002. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia.